

Márcia
Maria de
Medeiros

A EDUCAÇÃO PARA A FINITUDE NA OBRA DE Ricardo Azevedo

um estudo de Contos de Enganar a Morte e o
problema do limite na cultura contemporânea

Márcia
Maria de
Medeiros

A EDUCAÇÃO PARA A FINITUDE NA OBRA DE Ricardo Azevedo

um estudo de Contos de Enganar a Morte e o
problema do limite na cultura contemporânea



| São Paulo | 2026 |



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

E24

A educação para a finitude na obra de Ricardo Azevedo: um estudo de Contos de Enganar a Morte e o problema do limite na cultura contemporânea / Organização Márcia Maria de Medeiros. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2026.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-708-8

DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-708-8

1. Finitude. 2. Tanatopedagogia. 3. Representações culturais da morte. 4. Literatura e educação. 5. Limite. I. Medeiros, Márcia Maria de (Org.). II. Título.

CDD: 370.11

Índice para catálogo sistemático:

I. Tanatopedagogia – Análise literária

Júlia Marra Torres • Bibliotecária • CRB: SP-011583/O

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2026 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2026 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

<<https://creativecommons.org/licenses/>>.

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Biegging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Biegging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata Júlia Marra Torres
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Estágio em editoração	Emanuelle Vitória Miranda da Silva Rayssa Santos Arrais
Imagens da capa	Albaregiya, kamchatka - Magnific.com
Tipografias	Acumin, Belarius Sans, Magno Serif Variable, Mongoose
Revisão	Landressa Rita Schiefelbein
Organizadora	Márcia Maria de Medeiros

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com



CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski <i>Universidade La Salle, Brasil</i>	Bernadette Beber <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Adriana Flávia Neu <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos <i>Universidade do Vale do Itajaí, Brasil</i>
Adriana Regina Vettorazzi Schmitt <i>Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa <i>Universidade Federal da Paraíba, Brasil</i>
Aguimario Pimentel Silva <i>Instituto Federal de Alagoas, Brasil</i>	Caio Cesar Portella Santos <i>Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil</i>
Alaim Passos Bispo <i>Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil</i>	Carla Wanessa do Amaral Caffagni <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Alaim Souza Neto <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Carlos Adriano Martins <i>Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil</i>
Alessandra Knoll <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Carlos Jordan Lapa Alves <i>Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil</i>
Alessandra Regina Müller Germani <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Caroline Chioquetta Lorenset <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Aline Corso <i>Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil</i>	Cassia Cordeiro Furtado <i>Universidade Federal do Maranhão, Brasil</i>
Aline Wendpap Nunes de Siqueira <i>Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil</i>	Cássio Michel dos Santos Camargo <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil</i>
Ana Rosangela Colares Lavand <i>Universidade Estadual do Norte do Paraná, Brasil</i>	Cecília Machado Henriques <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
André Gobbo <i>Universidade Federal da Paraíba, Brasil</i>	Christiano Martino Otero Avila <i>Universidade Federal de Pelotas, Brasil</i>
André Tanus Cesário de Souza <i>Faculdade Anhanguera, Brasil</i>	Cláudia Samuel Kessler <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil</i>
Andressa Antunes <i>Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil</i>	Cristiana Barcelos da Silva <i>Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil</i>
Andressa Wiebusch <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Cristiane Silva Fontes <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>
Andreza Regina Lopes da Silva <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Daniela Susana Segre Guertzenstein <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Angela Maria Farah <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>	Daniele Cristine Rodrigues <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Anísio Batista Pereira <i>Universidade do Estado do Amapá, Brasil</i>	Dayse Centurion da Silva <i>Universidade Anhanguera, Brasil</i>
Antonio Edson Alves da Silva <i>Universidade Estadual do Ceará, Brasil</i>	Dayse Sampaio Lopes Borges <i>Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil</i>
Antonio Henrique Coutelo de Moraes <i>Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil</i>	Deilson do Carmo Trindade <i>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Brasil</i>
Arthur Vianna Ferreira <i>Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil</i>	Diego Pizarro <i>Instituto Federal de Brasília, Brasil</i>
Ary Albuquerque Cavalcanti Junior <i>Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil</i>	Dorama de Miranda Carvalho <i>Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil</i>
Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior <i>Universidade Federal da Bahia, Brasil</i>	Edilson de Araújo dos Santos <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Bárbara Amaral da Silva <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>	Edson da Silva <i>Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil</i>

Elena Maria Mallmann

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Estevão Schultz Campos

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Brasil

Éverly Pegoraro

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrícia Lopes Pinheiro

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Fauston Negreiros

Universidade de Brasília, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Flávia Fernanda Santos Silva

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Gabriela Moysés Pereira

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Gabriella Eldereti Machado

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehler Pollnow

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geuciane Felipe Guerim Fernandes

Universidade Federal do Pará, Brasil

Geymeesson Brito da Silva

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handherson Leylton Costa Damasceno

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa

Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos

Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges

Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles

Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Joao Adalberto Campato Junior

Universidade Brasil, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa

Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre

Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura

Universidade São Francisco, Brasil

Jonathan Machado Domingues

Universidade Federal de São Paulo, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini

Universidade de São Paulo, Brasil

Juliano Milton Kruger

Instituto Federal do Amazonas, Brasil

Juliano Pizzano Ayoub

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro

Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik

Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lauro Sérgio Machado Pereira

Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Brasil

Leonardo Freire Marino

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Letícia Cristina Alcântara Rodrigues

Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett

Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Luiz Eduardo Neves dos Santos

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Maikel Pons Giralt

Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil

Manoel Augusto Polastrelí Barbosa

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Márcia Alves da Silva

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Marcio Bernardino Sirino

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos

Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Marcus Fernando da Silva Praxedes

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva

Instituto Federal do Piauí, Brasil

Marines Rute de Oliveira

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Maurício José de Souza Neto

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai

Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neide Araujo Castilho Teno

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil

Neli Maria Mengalli

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging

Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Patrícia Helena dos Santos Carneiro

Universidade Federal de Rondônia, Brasil

Rainei Rodrigues Jadejiski

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Raul Inácio Busarello

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Ricardo Luiz de Bittencourt

Universidade do Extremo Sul Catarinense, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano

Universidade Federal de Ubertândia, Brasil

Robson Teles Gomes

Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos

Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho

Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama

Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tatiana da Costa Jansen

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Tayson Ribeiro Teles

Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto

Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Vanessa de Sales Marruche

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues

Universidade Estadual do Centro Oeste, Brasil

Vania Ribas Ulbricht

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Vinicius da Silva Freitas

Centro Universitário Vale do Cricaré, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Wenis Vargas de Carvalho
Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alcidinei Dias Alves
Logos University International, Estados Unidos

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Artur Pires de Camargos Júnior
Universidade do Vale do Sapucaí, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo B. Alves
Universidade Federal do Agreste de Pernambuco, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Davi Fernandes Costa
Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, Brasil

Denilson Marques dos Santos
Universidade do Estado do Pará, Brasil

Domingos Aparecido dos Reis
Must University, Estados Unidos

Edson Vieira da Silva de Camargos
Logos University International, Estados Unidos

Edwins de Moura Ramires
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabete de Paula Pacheco
Universidade Federal de Ubertândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Jonas Lacchini
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Nívea Consuêlo Carvalho dos Santos
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Rayner do Nascimento Souza
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Sidney Pereira Da Silva
Stockholm University, Suécia

Suêlen Rodrigues de Freitas Costa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Walmir Fernandes Pereira
Miami University of Science and Technology, Estados Unidos

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

SUMÁRIO

<i>Márcia Maria de Medeiros</i> Prefácio	11
CAPÍTULO 1	
<i>Gustavo Bocon Lopes</i> <i>Márcia Maria de Medeiros</i> <i>Luiz Alberto Ruiz da Silva</i> O uso da literatura para o ensino da tanatologia.....	14
CAPÍTULO 2	
<i>Matheus de Souza Julião</i> <i>Fábio Vogado</i> O uso das metáforas como recurso para falar sobre a finitude.....	32
CAPÍTULO 3	
<i>Giovana Ziegler Confessor</i> <i>Wesllen Pereira da Silva</i> A função emotiva da linguagem em “O homem que enxergava a morte”	51
CAPÍTULO 4	
<i>Luisa da Rosa Silveira</i> <i>Letícia Rocha Nunes</i> Algumas reflexões sobre a finitude: uma análise de “O Moço que não queria morrer”	64



CAPÍTULO 5

Nicole Rodrigues de Magalhães

**O riso e o risível
em “O Moço que não queria morrer”78**

Márcia Maria de Medeiros

Posfácio93

Sobre a organizadora95

Sobre os autores e as autoras.....96

Índice remissivo98

PREFÁCIO

Márcia Maria de Medeiros

Muitas inquietações movimentaram a construção deste livro. Algumas delas tangenciam aspectos importantes que estão diretamente correlacionados com as múltiplas crises vivenciadas nos tempos hodiernos: crises de natureza política – que podem ser exemplificadas pelo contexto bélico envolvendo potências militares como os Estados Unidos da América e o Irã, as quais ameaçam a democracia e a própria existência planetária – e crises de natureza ambiental, evidenciadas por meio de catástrofes climáticas como o furacão Katrina, que assolou Nova Orleans, e as enchentes que afetaram a vida de milhares de seres humanos e mais-que-humanos no Rio Grande do Sul.

Partindo desse pressuposto, nasceram algumas perguntas que sulearam este trabalho¹: o que uma cultura que nega a morte e a finitude da existência faz com o planeta? O que significa esse nosso desejo de educar para a finitude em uma era de colapso ecológico, processo esse sobejamente evidenciado por projeções científicas? Que relação existe entre o limite humano e o limite ambiental? E, por fim, mas não menos importante, por que falar de morte no contexto deste livro torna-se um gesto decolonial?

¹ A escolha da palavra “sulear”, utilizada neste prefácio, é proposital. Com ela, já demarcamos o nosso lugar de fala e o nosso fazer científico a partir do Sul e dos problemas que orientam nossas práticas de pesquisa junto ao Programa de Mestrado e Doutorado em Recursos Naturais da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (PGRN/UEMS), na linha Sociedade, Cultura e Recursos Naturais, em que primamos pela construção de uma epistemologia das Ciências Ambientais de natureza decolonial, a qual chamamos atualmente de “Literaterra”, que está germinando em nossas investigações a partir de pensadores e pensadoras indígenas e quilombolas, como Catitu Tayassu, Ailton Krenak e Antônio Bispo dos Santos.

A modernidade ocidental trouxe, entre suas formas de ver e pensar o mundo, a ideia de que a sociedade poderia separar-se da Natureza. O avanço das ciências, a partir do século XVI, com a proposta humanista, alcançou um parâmetro nunca visto na história do Ocidente. Esse avanço trouxe consequências importantes: algumas doenças, antes tidas como diagnóstico certo de morte, encontraram tratamento e cura; a descoberta das vacinas e dos microrganismos, bem como de novas técnicas cirúrgicas, propiciaram um avanço na expectativa de vida. Atualmente, fala-se da categoria dos superidosos, sujeitos que já passaram da marca dos 80 anos de vida.

Em contrapartida, esses avanços também significaram uma nova maneira de vivenciar as experiências do processo de morte e morrer, que passou a ser pautada na medicalização, na institucionalização, na tecnificação do sofrimento e no silenciamento do luto. O fato de a modernidade ter criado essa separação entre sociedade e Natureza também contribuiu para uma ideia de “pseudoimortalidade”, que expulsou a finitude do espaço público e trouxe consigo uma ontologia baseada na negação do limite existencial.

Se a humanidade desvendou os segredos do organismo, se tornou-se capaz de enxergar o invisível através das lentes de um microscópio, se construiu arranha-céus, motores a jato e rompeu a barreira do som, por que não desafiar a morte e exigir que a finitude fosse afastada para a periferia do pensamento? Uma sociedade que vive em constante expansão territorial, econômica, epistemológica e civilizatória não pode aceitar a morte como parâmetro limitador, porque o fim da vida representa o limite radical dessa expansão.

Porém, essa lógica tem cobrado um preço alto em termos de processo civilizatório, anunciando uma crise ecológica sem precedentes, uma vez que uma cultura que nega a morte é a mesma que nega o limite da Terra. Se a Terra está morrendo, a sociedade como se conhece está morrendo também e revelando a sua finitude, enquanto olha incrédula o seu próprio passamento. E, à diferença

de Janus, o deus da mitologia greco-latina que era capaz de olhar para o passado enquanto marchava incólume para o futuro, essa sociedade precisa retomar outro imaginário para (re)construir-se. Isso porque, sem o reconhecimento da finitude como condição ontológica da existência, não há possibilidade de pensar formas sustentáveis de habitar o mundo.

Não se trata, portanto, de um simples traço cultural, mas de um projeto histórico: a negação da morte inscreve-se na mesma lógica que sustentou a expansão colonial, fundada na recusa do limite e na pretensão de domínio irrestrito sobre a vida, os territórios e os saberes.

O imaginário construído pela modernidade Ocidental, pautado no silenciamento de saberes sobre o processo de morte e morrer, sobre a natureza e sobre ser um com ela, precisa ser analisado criticamente à luz de imaginários outros que nunca negaram a finitude humana, que sempre integraram sociedade e natureza e souberam ser um com ela. O tempo exige que se abandone a colonialidade do poder e do saber, em prol de um futuro ancestral.

Os ensaios que compõem este livro se propõem a esse olhar: eles buscam, nas narrativas populares, formas de compreender a finitude não como uma inimiga, mas como parte do ciclo da vida. Assim como todos os seres que têm vida e um dia morrem, retornando ao seio da Terra e voltando a compô-la, os textos procuram mostrar como o folclore se relaciona com esse humus que faz parte de cada corpo e de cada carne, pois, como indica a mitologia, o ser humano foi criado a partir da Terra e para ela retornará em comunhão, gerando novas vidas. Assim, reconhecer a morte como parte de um ciclo não é apenas um gesto existencial, mas uma condição para reconfigurar as bases éticas, culturais e ecológicas que sustentam a vida coletiva.

1

*Gustavo Bocon Lopes
Márcia Maria de Medeiros
Luiz Alberto Ruiz da Silva*

O USO DA LITERATURA PARA O ENSINO DA TANATOLOGIA¹

1

Artigo publicado originalmente na Revista Magistro da Unigranrio. Disponível em: <https://publicacoes.unigranrio.edu.br/magistro/article/view/7319>

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-708-8.1

A obra de Ricardo Azevedo, intitulada *Contos de enganar a Morte*, se propõe a apresentar quatro narrativas populares trazidas da oralidade e que falam sobre o processo de morte e morrer. Compõem a obra as histórias "O homem que enxergava a morte", "O último dia na vida do ferreiro", "O moço que não queria morrer" e "A quase morte de Zé Malandro". O próprio autor explica como nasceu a inspiração para trabalhar com essa temática, afirmando que:

Certa segunda-feira, eu estava na quarta série do primeiro grau, a professora entrou na classe com uma péssima notícia: o pai de um colega nosso tinha morrido afogado em Bertioga, no litoral paulista. Lembro do sentimento de medo: e se meu pai também morresse? Lembro de estremecer de pena e tristeza por causa do meu amigo. Lembro de me perguntar: o que é a morte? (Azevedo, 2003, p. 58).

Da narrativa de Azevedo, algumas assertivas chamam atenção e mostram a necessidade de discutir as questões que envolvem a tanatologia desde a infância, promovendo aquilo que Grzybowski (2014) intitula "educação para a morte" ou "tanatopedagogia", cujo conteúdo, pela complexidade do tema, pode causar certa ansiedade entre estudantes e professores. O autor ainda argumenta que o debate sobre as questões relativas ao assunto permeia um campo interdisciplinar que envolve a "[...] psicologia, filosofia, ética, teologia, antropologia, sociologia, cultura ou especialidades da pedagogia e geragogia" (Grzybowski, 2014, p. 315).

Diante dessas premissas, torna-se pertinente encontrar elementos que permitam refletir sobre a educação para a morte e apresentar a temática desde a mais tenra infância, no sentido de construir fatores promotores da saúde, neste caso, da saúde mental. Para Oliveira e Medeiros (2017, p. 07), o debate e a reflexão sobre o assunto:

Engloba[m] discussões de temas como doenças, violência, cuidados com a saúde, valorização da vida, utilização do tempo, entre outros, as quais, feitas de uma perspectiva educativa, podem propiciar aprendizagens a partir do enfrentamento da perda, seja ela de que tipo for.

De acordo com Oliveira e Medeiros (2017), introduzir, no currículo escolar (independentemente do nível), questionamentos e disciplinas vinculadas ao processo de morte e morrer, ou que mencionem perdas, pode gerar questionamentos. As autoras ainda afirmam que a condução inadequada desse tipo de temática pode ser prejudicial aos sujeitos do processo educativo. No entanto, esse tipo de discussão é indispensável para compreender que a morte é um processo natural que faz parte da vida (Elias, 2001; Grzybowski, 2014). Sobre o assunto, Norbert Elias reflete que:

Talvez devêssemos falar mais aberta e claramente sobre a morte, mesmo que seja deixando de apresentá-la como um mistério. A morte não tem segredos. Não abre portas. É o fim de uma pessoa. O que sobrevive é o que ela ou ele deram às outras pessoas, o que permanece nas memórias alheias (Elias, 2001, p. 77).

O silenciamento em relação ao processo de morte e morrer, observado no currículo escolar, apresenta-se como um reflexo das concepções e atitudes acerca do mundo que têm sido adotadas nas culturas ocidentais (Oliveira; Medeiros, 2017), desde o advento da Revolução Industrial, momento a partir do qual a sociedade ocidental² passa a ocultar as questões relativas à finitude (Ariès, 2003). Nota-se que a principal estratégia utilizada para falar sobre o tema com as crianças é justamente ocultar o assunto, sendo possível afirmar que:

Assim, não se fala sobre a morte reconhecendo-a enquanto um fato próprio do viver e tende-se a afastar as crianças de todas as evidências que se relacionam a ela. Esta postura de negação da morte se repete no âmbito educacional, revelando-se pela ausência de discussões sobre o tema (Oliveira; Medeiros, 2017, p. 19).

2 Por sociedade ocidental, aqui, entende-se o grupo humano constituído pelos parâmetros de representação cultural herdados da Revolução Francesa e da Revolução Industrial, em um âmbito eurocêntrico.

Diante do exposto, cabe perguntar qual a posição da tanatologia nos programas educacionais. Como a literatura pode ser utilizada enquanto elemento para elucidar questões relativas a esse campo, auxiliando no melhor desenvolvimento da saúde mental dos indivíduos?

APONTAMENTOS SOBRE A EDUCAÇÃO PARA A MORTE

Santos (2014) entende que a tanatologia e temas pertinentes à área constituem parte da vida, e debater sobre eles permite a construção de instrumentos pedagógicos que visam ao aprendizado sobre a própria essência do ser humano. Para o autor, “a morte e sua consequência, o luto, seriam [...] instrumentos pedagógicos por excelência para refletirmos e educarmo-nos sobre [...] a vida, a felicidade e o amor” (Santos, 2014, p. 327).

Neto (2014) compreende a educação como um fenômeno cujo grau de complexidade perpassa vários meandros que envolvem questões relativas à maneira como uma sociedade, em dado momento histórico, constrói suas relações com o pensamento (portanto, com o ato de filosofar); com as emoções (contexto que pode ser relacionado à psicologia); e com a memória (elemento pertinente ao campo dos estudos históricos).

Nenhum dos elementos elencados acima é estanque, constituindo-se em processos dinâmicos que se alteram periodicamente devido à força de fatores internos e externos que permeiam o ato de viver e existir em um universo educativo. Entre os fatores internos, podem ser citados elementos relativos à estrutura e ao ambiente cotidiano das pessoas, conforme aponta Maia (2010). No caso do ambiente educacional, podem ser citados, como exemplo

desses fatores internos, a própria grade curricular. Nas palavras de Incontri (2014, p. 341), "[...] essa 'grade,' como é concebida e aplicada na escola, é uma verdadeira prisão, limitando e mesmo impedindo a liberdade do ser e do saber".

Quanto aos fatores externos, Maia (2010) os compreende como sendo constituídos por processos relativos à exclusão social e por aqueles inerentes ao ambiente familiar. Para Incontri, os vínculos afetivos desenvolvidos no contexto familiar, bem como "[...] a presença e [o] cuidado de adultos significativos no desenvolvimento psíquico, cognitivo e moral da criança" (2014, p. 343), são elementos primordiais para um crescimento saudável.

Ser um adulto presente e significativo que auxilie no desenvolvimento de uma criança não significa silenciar sobre a morte e os fenômenos correlatos a ela, pois não elucidar questionamentos que advenham das perdas ou ocultar o processo de morte e morrer não altera a realidade da finitude. Sobre o assunto, Maria Júlia Kovács aponta que:

Ao não falar, o adulto crê estar protegendo a criança, como se essa proteção aliviasse a dor e mudasse magicamente a realidade. O que ocorre é que a criança se sente confusa e desamparada sem ter com quem conversar.

A morte da mãe, do pai ou de um irmão provoca uma imensa dor; falar dessa morte não significa criar ou aumentar a dor, pelo contrário, pode aliviar a criança e facilitar a elaboração do luto (Kovács, 2010, p. 49).

Diante do exposto e devido à dificuldade em se lidar com o tema, percebe-se na literatura um instrumento importante para auxiliar no processo educativo sobre as questões referentes à tanatologia e à tanatopedagogia. Roland Barthes (2013) entende a literatura como um tecido que constrói uma série de significados sobre os mais diversos assuntos. Na opinião do autor, a literatura é constituída por um jogo de palavras que possuem forças intrínsecas

ao próprio texto literário, quais sejam elas "*mathesis, mimesis, semiosis*" (Barthes, 2013, p. 18).

Sobre a *mathesis*, cabe salientar que ela representa o fato de que a literatura, em si mesma, encerra uma série de saberes que podem ser transmitidos de forma lúdica e que permitem às pessoas a compreensão do universo de símbolos que constituem a sua cultura de forma mais palatável. Conforme Roland Barthes,

[...] a escritura se encontra em toda parte onde as palavras têm sabor (*saber* e *sabor* têm, em latim, a mesma etimologia). [...] É esse gosto das palavras que faz o saber profundo, fecundo. Sei, por exemplo, que muitas proposições de Michelet são recusadas pela ciência histórica; isso não impede que Michelet tenha fundado algo como a história da França e que, cada vez que um historiador desloca o saber histórico, no sentido mais largo do termo e qualquer que seja seu objeto, nele encontramos simplesmente: uma escritura (Barthes, 2013, p. 22, grifos no original).

Quando o texto literário se propõe a explicar sobre a morte (em especial o texto de Ricardo Azevedo), ele o faz utilizando as palavras no sentido barthesiano, ou seja, construindo uma série de figurações discursivas que tornam a morte menos temível e, mesmo, vivenciando elementos de comicidade, como se percebe na narrativa intitulada "O último dia na vida do ferreiro":

O ferreiro pediu para a mulher sair da sala. Chamou a Morte de lado, confessou que tinha um último pedido. Era importante. Antes de morrer, queria tocar um pouco de viola.

– Tudo bem – disse a Morte –, mas seja rápido, pois tenho outras pessoas para levar.

O velho ferreiro tirou a viola do armário, sentou-se numa cadeira confortável e começou a tocar.

Ao escutar aquela música mágica, a Morte estremeceu e saiu pela sala pulando, dançando e sapateando (Azevedo, 2003, p. 27).

A situação descrita acima apresenta um contexto que faz com que a morte se torne alvo do riso, beirando o ridículo (Alberti, 2002), o que atenua a ameaça que ela representa e o medo que causa. Considerando a premissa de Paiva (2011) sobre o assunto, é possível utilizar esse tipo de material para oferecer algumas respostas e provocar reflexões sobre a finitude, trazendo, para o contexto educativo da infância, maneiras diferentes de perceber a morte e o morrer.

Grzybowski (2014) entende que o processo educativo precisa promover o debate sobre questões inerentes ao sofrimento, pois essa premissa faz parte da vida e atinge o ser humano em qualquer idade. Por isso, o autor argumenta que educar para a morte é educar “[...] para a vida consciente [...] [com base] na ideia do cuidado constante com a vida e a melhoria da sua qualidade” (Grzybowski, 2014, p. 316).

O primeiro passo para que esse contexto se realize positivamente está na aceitação e na conscientização de que o sofrimento e as perdas inerentes a ele (entre elas, a de pessoas queridas) fazem parte da vida e são uma constante na existência humana, retirando a aversão a se falar sobre o tema. Nesse sentido, David Le Breton anuncia que “a dor, juntamente com a morte, é sem dúvida a experiência humana melhor repartida: nenhum privilegiado reivindica ignorância em relação a ela ou se vangloria de conhecê-la melhor que qualquer outro” (Le Breton, 2013, p. 25).

O texto literário pode ser utilizado mais uma vez para auxiliar na compreensão dessa questão relativa à inexorabilidade do processo de morte e morrer, ao se tomar como exemplo a narrativa “O homem que enxergava a morte”, conforme se percebe no trecho transcrito a seguir:

– Coisa nenhuma! – exclamou o médico saltando vitorioso da cama. – Você jurou que só me levava quando eu terminasse de rezar. Pois bem, pretendo levar anos para acabar minha reza...

Ao perceber que tinha sido enganada mais uma vez, a Morte resolveu ir embora, mas antes fez uma ameaça:

- Deixa que eu pego você!

Dizem que aquele homem ainda durou muitos e muitos anos. Mas um dia, viajando, deu com um corpo caído na estrada. O velho médico bem, que tentou, mas não havia nada a fazer.

- Que tristeza! Morrer assim sozinho no meio do caminho!

Antes de enterrar o infeliz, o bom homem tirou o chapéu e rezou o Pai-Nosso.

Mal acabou de dizer amém, o morto abriu os olhos e sorriu. Era a Morte fingindo-se de morto.

- Agora você não me escapa!

Naquele exato instante, uma vela pequena, num lugar desconhecido e estranho, estremeceu e ficou sem luz (Azevedo, 2003, p. 20).

A citação remete a pontos importantes que merecem ser analisados mais detidamente, a começar pelo fato de que o texto mostra que a morte alcança tudo aquilo e todo/a aquele/a que tem vida. Sendo assim, lutar contra ela é algo impossível. Esse trecho possui a característica do que Giles (1984) entende por problema filosófico, ou seja, algo que apresenta simplicidade em termos de sua elaboração, mas grande complexidade no que se refere ao alcance da resposta.

Percebe-se, nesse contexto, a força da *mimesis* barthesiana, anunciada no fato de que “[...] a literatura se afaina na representação de alguma coisa” (Barthes, 2013, p. 22). Por meio da narrativa de Azevedo (2003), nota-se o fulgor da representação de uma realidade que é fato inegável e que permite designar uma série de conhecimentos/saberes possíveis, mas de uma maneira sutil, justamente por trazer em seu cerne uma das questões inerentes à condição humana, qual seja, a que se relaciona à finitude da vida.

Assim, a linguagem literária torna-se uma possibilidade a ser utilizada para conduzir e propiciar discussões "[...] sobre a morte e o sofrer em vários níveis de amplitude [...]" (Grzybowski, 2014, p. 316), tornando-se, pois, uma ferramenta pedagógica importante para auxiliar no processo da educação para a morte, proporcionando aquilo que Santos (2014) enuncia como uma atitude estética diante do processo de finitude.

Incontri (2014) entende que esse tipo de debate é algo difícil de ser alcançado no padrão educativo que o ambiente escolar apresenta hodiernamente, considerado pela autora como tradicional, burocratizado, desumanizado e incapaz de lidar com questões que envolvem a vida e a morte, bem como as que envolvem emoções e perdas. Nesse sentido, o ambiente escolar pouco contribui para a construção de sujeitos resilientes. Sobre o assunto, Incontri (2014, p. 343) afirma que:

Ora, para criar resiliência e atribuir significado positivo às dificuldades; para trabalhar um luto, é preciso que a criança tenha vínculos fortes, que lhe deem segurança, que a acolham, que a escutem. [...]. Wilma Torres, a primeira brasileira a trabalhar a questão do luto infantil, refere-se à estabilidade emocional, que provém dos vínculos³.

O texto literário é um elemento importante a ser utilizado para potencializar discussões sobre a condição humana e, portanto, sobre aspectos que são inerentes a essa condição, entre eles, o processo de morte e morrer. Antônio Cândido (2011) defende que a literatura se constitui como elemento fundamental para promover a instrução e a educação no sentido de implementar, nos currículos escolares, propostas que dotem os sujeitos do processo educativo de valores

3 Não é objetivo deste trabalho discutir o conceito de resiliência. Para fins do que este artigo se propõe, resiliência, aqui, é compreendida no mesmo sentido aplicado a ela por Infante (2005), segundo o qual questões de intervenção psicossocial podem promover, nos sujeitos, habilidades no sentido de superação das adversidades, auxiliando no processo de adaptação à sociedade e a alcançar melhor qualidade de vida.

intelectuais e afetivos, tal como expressa a narrativa “O moço que não queria morrer” (Azevedo, 2003).

Nessa história, Azevedo (2003) apresenta aos leitores e leitoras as aventuras de um jovem que considerava a morte uma injustiça e que procurava pela terra onde as pessoas nunca morriam. Depois de muito buscar por esse lugar, o jovem deparou-se com uma mulher de inigualável beleza, com quem viveu por quinhentos anos em um espaço paradisíaco de fartura e alegrias. Porém, um dia, sentiu saudades da família, da cidade em que nascera e dos amigos e resolveu visitá-los, o que culminou em um processo de grande frustração pessoal:

Chegando à pequena vila onde tinha nascido, encontrou uma cidade grande e muito movimentada.

Falou seu nome. Ninguém conhecia.

Perguntou sobre sua família. Ninguém mais se lembrava.

Procurou sua antiga casa. Não existia mais.

[...]

Foi andando e quanto mais andava mais sentia o corpo fraco. Era uma mistura de cansaço, espanto, saudade e fome (Azevedo, 2003, p. 43).

O trecho transcrito evoca o que Cândido identifica como o espaço no qual o pensamento humano transcende para o “[...] sonho acordado das civilizações” (Cândido, 2011, p. 177), *lócus* que permite às pessoas equilibrarem o seu inconsciente com a finalidade de manterem a sua sanidade, conforme preconiza o estudioso da literatura em seu texto. Percebe-se, aí, um jogo com os elementos simbólicos que constituem a linguagem literária, anunciando a ideia de *semiosis* (Barthes, 2013), no que se refere à ideia da eternidade e ao sofrimento que pode advir dela.

O reconhecimento da dimensão do ser humano, expresso pela ideia de finitude, é importante para o processo de autoco-nhecimento, além de permitir o desenvolvimento de valores como solidariedade, empatia e resiliência diante da perda (Incontri, 2014), os quais são fundamentais para a ampliação do respeito à diversidade e para o entendimento do sofrimento do outro, que passa a ser compreendido, então, como presença, de acordo com as premissas de Heidegger (2012).

Percebe-se, assim, a necessidade de tratar temas complexos, como os que envolvem a questão relativa ao processo de morte e morrer (Kovács, 2010), e de fazê-lo utilizando palavras e experiências que estejam ao alcance dos envolvidos, trazendo a questão para uma dimensão na qual ela possa ser assimilada. Um exemplo dessa premissa pode ser analisado a partir do excerto:

A Morte resmungou, mas aceitou. Subiu na árvore, arrancou um figo e lá ficou. Não conseguiu mais descer de jeito nenhum.

Zé Malandro deu risada, despediu-se e foi jogar baralho.

Deixou a Morte presa lá em cima, furiosa.

Com a Morte aprisionada no alto da figueira, a confusão na cidade onde Zé Malando vivia foi geral. Como ninguém mais morria, os coveiros e os fabricantes de caixões ficaram sem trabalho. Os médicos e os hospitais perderam a clientela. E, além disso, houve desemprego, pois as pessoas não sem aposentavam mais nem cediam lugar para as outras mais jovens (Azevedo, 2003, p. 50-51).

O texto em questão revela aspectos importantes para o debate sobre o processo de morte e morrer, que podem levar a refletir sobre o fato de que a morte faz parte da vida, introduzindo a discussão de maneira lúdica. De certa forma, a narrativa apresenta um universo que se torna caótico devido à ausência da morte, pressupondo a necessidade de rever esse contexto e de entender

que perdas acontecem e podem mesmo ser necessárias. Nesse sentido, Neto (2014) expõe a necessidade de discutir a educação para a morte quando afirma que:

Trazer a morte e promover aprendizagem a partir do enfrentamento da perda no cenário educacional é promover uma mudança radical na pedagogia do ocidente para deixar surgir novos paradigmas educativos e novas propostas de teorização pedagógica, considerando-se a integralidade do homem como ser biológico, psicológico, sócio-histórico e espiritual, um ser para a morte, mas que pode e deve viver com qualidade (Neto, 2014, p. 339).

A premissa referendada por Neto já é apontada por Cicely Saunders quando desenvolve o conceito de dor total, o qual se caracteriza por ser um conjunto complexo de aspectos que envolvem desde questões físicas até questões espirituais (Menezes; Medeiros, 2020), apontando para a necessidade do entendimento do cuidado de doentes terminais em uma perspectiva holística.

A proposta a ser observada quando se transmuta essa perspectiva para o campo da educação é a do alcance de uma educação com a mesma amplitude, ou seja, capaz de preparar os sujeitos do processo educativo para bem viver a vida e a morte. Na obra *Pampaedia*, escrita no século XVII, Jan Amos Comenius aborda o tema ao propor a existência do que se poderiam chamar de oito escolas, quais sejam: "do nascimento, da infância, da puerícia, da adolescência, da juventude, da idade adulta, da velhice e da morte" (Comenius, 2014, p. 291).

Na apresentação da obra de Comenius consultada na redação deste capítulo, Dora Incontri chama a atenção para algumas perspectivas didáticas apontadas pelo pensador nascido na Morávia (atual República Tcheca), as quais são utilizadas como premissa para o que contemporaneamente consta como base da Declaração

Universal dos Direitos Humanos⁴, a saber, o princípio da educação para todos (Comenius, 2014). Nesse sentido, Incontri (2014) afirma que a proposta pedagógica de Comenius pretendia: “[...] a realização plena das potencialidades da criança, a melhoria do mundo e consequentemente a felicidade de todos os seres humanos, de todos os povos e de todas as nações” (Comenius, 2014, p. 09)⁵.

A leitura de *Pampaedia* permite compreender que o educador tcheco já apontava a importância da aprendizagem ativa, das premissas educativas pautadas no diálogo entre os sujeitos partícipes do processo de ensino, do valor da pesquisa enquanto elemento formativo e, principalmente, “[...] [da] educação continuada, como um processo que vai desde antes do nascimento da criança até à morte, entendendo-se a própria vida, como escola permanente do ser humano” (Comenius, 2014, p. 10).

Na opinião de Comenius (2014), a finitude não é algo que se relaciona única e exclusivamente à velhice, mas é algo inerente e possível para sujeitos de qualquer faixa etária. Some-se a isso o fato de que o autor compreende que cabe ao ser humano buscar aquilo que ele enuncia como sendo “uma morte feliz” (Comenius, 2014, p. 291), ou seja, a morte a qual as pessoas procurarão não temer, pois, na opinião do educador, “se não temeste nascer, porque hás de temer a morte? A decisão de uma e outra destas coisas não está em tuas mãos [...]” (Comenius, 2014, p. 288-289).

4 Elemento disposto no item 1 do artigo 26 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), o qual preconiza que toda pessoa tem direito à educação, sendo ela gratuita (pelo menos a correspondente ao nível elementar fundamental). Some-se a isso o fato de o referido texto ressaltar que o ensino elementar deve ter caráter obrigatório. Ademais, o ensino técnico e profissional deve ser generalizado e o acesso ao ensino superior precisa ser facultado a toda pessoa, resguardando a igualdade entre os sujeitos e em função de seu mérito.

5 O item 2 do artigo 26 da DUDH dispõe que: “A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do Homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas para a manutenção da paz” (DUDH, 1948, p. 06).

Santos (2014) corrobora a assertiva proposta por Comenius e ainda indica que o processo de morte e morrer, bem como todas as questões de caráter existencial que ele evoca, trazem perguntas profundas e difíceis de serem respondidas porque elas causam medo ao ser humano. Para Santos, tais questionamentos são capazes de gerar angústia e a negação da condição vulnerável, que é característica da existência humana:

Essa atitude nos paralisa, nos leva ao pânico e reagimos quase de forma pavloniana com atitudes de fuga ou luta. Na fuga, nos encastelamos em ilusões, fantasias de negação, isolamentos de emoções, tecnicismos; no ataque, investimos grandes esforços para encontrar uma cura absoluta e definitiva, no sentido de que possamos matar a morte, como no caso das infecções, onde o agente patológico deve ser vencido através de antibióticos ou de vacinas e com isso nos tornarmos imortais no aqui e no agora (Santos, 2014, p. 328).

Nessa perspectiva, o uso do texto literário pode trazer elementos importantes para a reflexão sobre as questões tanatológicas e tanatopedagógicas, permitindo compreender que a morte constitui um elemento entranhado à vida e que não existem mecanismos que sejam capazes de lutar contra o indefectível. A literatura oferece possibilidades pedagógicas no contexto educativo, permitindo o amadurecimento pessoal e a criação de novas atitudes filosóficas e estéticas por parte do sujeito frente à existência, diminuindo a angústia diante do processo de morte e morrer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação é um fenômeno complexo que precisa ser visto a partir de um âmbito interdisciplinar, visando à formação do sujeito em seu sentido mais holístico. Nesse sentido, ela precisa ser alicerçada

em práticas pedagógicas que se pautem por ideias que não sejam preconcebidas e que perpassem a capacidade dos educadores e educadoras de saírem de sua zona de conforto e se apropriarem da realidade de seu entorno, a fim de tornarem o ato de educar algo mais instigante.

A realidade em que se vive atualmente está permeada por processos de sofrimento. Exemplo dessa questão pode ser tangenciado pela pandemia da covid-19, a qual obrigou o mundo a vivenciar a fragilidade da existência e fez com que a morte retornasse ao lugar central das notícias em todos os meios de comunicação. O que se pretende com essa afirmação é trazer o entendimento de que, no cenário pandêmico, a existência de uma potencial ameaça para a qual o tecnificismo não tinha uma resposta impediu o silenciamento/ocultamento da morte.

Portanto, o processo de morte e morrer é parte constituinte da realidade humana e não é salutar silenciar sobre essa questão por todos os sentimentos que o contato com essa verdade atávica pode desencadear no ser humano: angústia, ansiedade, medo, sensação de incapacidade, depressão etc.

A educação pode atuar enquanto potência no sentido de transformar esse processo, pois, ao trazer a tanatologia e a tanatopedagogia para o contexto escolar (seja ele o da educação básica ou superior), permite-se que haja uma transformação da mentalidade dos atores do processo educativo em relação ao tema e, por consequência, uma mudança na maneira como a sociedade ocidental encara o processo.

O uso da literatura enquanto elemento para a discussão da educação para a morte é algo pertinente a ser considerado e pode ser feito diante de uma perspectiva de educação que se paute em princípios interdisciplinares. O texto literário apresenta-se como um universo fecundo em termos de construção de sentidos e representações

sobre as mais diversas esferas da existência humana, entre elas a que envolve a morte.

Neste sentido, educar para a morte torna-se correlato ao ato de educar para a vida, oferecendo às pessoas envolvidas a potencial consciência de que a finitude é uma realidade que elas irão enfrentar, bem como as perdas que são consentâneas ao processo e, justamente por isso, a dignidade humana é algo importante e que merece ser respeitado.

Existem atos e experiências que são eminentemente humanos, pelo fato de que se tem (ou se deveria ter) consciência sobre eles. Entre esses atos e experiências está a consciência em relação à própria finitude, bem como as possibilidades encerradas nos atos de educar e de aprender, os quais modificam seus atores em seu cerne e permitem que esses atores transformem a realidade social da qual fazem parte.

Logo, educar para a morte, possibilitar reflexões sobre as perdas que são inerentes à existência humana (e que podem se constituir em enfrentamentos realizados cotidianamente) e compreender que, a partir desses processos, as pessoas vivenciam momentos de luto torna-se importante para a reflexão crítica sobre a finitude enquanto elemento inerente ao ciclo vital. E a literatura constitui-se em instrumento pedagógico que permite aludir a todas essas questões.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **O riso e risível na história do pensamento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ARIÈS, P. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

AZEVEDO, R. **Contos de enganar a Morte**. São Paulo: Ática, 2003.

BARTHES, R. **A aula**. São Paulo: Cultrix, 2013.

CÂNDIDO, A. O direito à literatura. *In*: CÂNDIDO, A. **Vários escritos**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

COMENIUS, J. A. **Pampaedia** (Educação Universal). São Paulo: Editora Comenius, 2014.

DUDH. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Nações Unidas, 1948. Disponível em: Declaração Universal dos Direitos Humanos. Acesso em: 06 mai. 2026.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos**, seguido de Envelhecer e Morrer. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GILES, T. R. **O que é filosofar?** São Paulo: EPU, 1984.

GRZYBOWSKI, P. P. Tanatopedagogia. *In*: SANTOS, F. S.; SCHLIEMAN, A. L.; SOLANO, J. P. C. (org.). **Tratado Brasileiro sobre perdas e luto**. São Paulo: Atheneu, 2014.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Campinas: Editora da UNICAMP; Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

INCONTRI, D. A morte e o luto, a criança e a escola – é possível integrar essas questões em uma educação desintegrada? *In*: SANTOS, F. S.; SCHLIEMAN, A. L.; SOLANO, J. P. C. (org.). **Tratado brasileiro sobre perdas e luto**. São Paulo: Atheneu, 2014.

INFANTE, F. A Resiliência como processo: uma revisão de literatura recente. *In*: MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S. (org.). **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005.

KOVÁCS, M. J. Morte no processo do desenvolvimento humano. A criança e o adolescente diante da morte. *In*: KOVÁCS, M. J. (coord.). **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

LE BRETON, D. **Antropologia da dor**. São Paulo: FAP-UNIFESP, 2013.

MAIA, Z. **Fatores internos e externos que influenciam no rendimento escolar**. 2010. Monografia (Especialização em Gestão Pública) – Escola de Gestores, Universidade Federal do Paraná, 2010. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/68589>. Acesso em: 23 jul. 2021.

MENEZES, A. N.; MEDEIROS, M. M. **Dicionário Crítico de Tanatologia**. Dourados, MS: UEMS, 2020.

NETO, F. R. A. Perdas e luto – uma experiência a trabalhar no contexto do educador. *In*: SANTOS, F. S.; SCHLIEMAN, A. L.; SOLANO, J. P. C. (org.). **Tratado brasileiro sobre perdas e luto**. São Paulo: Atheneu, 2014.

OLIVEIRA, B. T. G. M.; MEDEIROS, M. M. (org.). **Por que, quando e como falar sobre a morte na escola**: material de apoio ao (a) professor (a) dos anos iniciais do ensino fundamental. Dourados/MS: Editora da UEMS, 2017.

PAIVA, L. E. **A arte de falar da morte para crianças**. A literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores. Aparecida: Editora Idéias e Letras, 2011.

SANTOS, F. S. Educando estudantes e profissionais das áreas da saúde, humanas e sociais sobre morte, perdas e luto. *In*: SANTOS, F. S.; SCHLIEMAN, A. L.; SOLANO, J. P. C. (org.). **Tratado brasileiro sobre perdas e luto**. São Paulo: Atheneu, 2014.

2

*Matheus de Souza Julião
Fábio Vogado*

O USO DAS METÁFORAS COMO RECURSO PARA FALAR SOBRE A FINITUDE

Os seres humanos desenvolvem a sua comunicação utilizando-se de vários elementos, entre eles a linguagem escrita (Chomsky, 2009). O texto literário usa esse recurso para trabalhar com a capacidade de fabulação, processo que, segundo Cândido (2011), permite aos sujeitos mergulharem no mundo da fantasia. Existe uma diversidade de recursos de linguagem que é utilizada para essa finalidade.

Entre os muitos recursos da linguagem que permitem a construção do texto literário e do universo imaginativo que o permeia, encontram-se as metáforas. Lakoff e Johnson (2002) propõem, em seu estudo, três tipos diferentes de metáforas, quais sejam: estruturais ou conceituais, de orientação e ontológicas.

Na opinião dos autores, as metáforas estruturais ou conceituais corresponderiam ao conjunto mais conhecido, a partir do qual se estabelecem princípios da vida cotidiana (Lakoff; Johnson, 2002) sobre os quais não se costuma refletir, a exemplo do ditado popular “tempo é dinheiro”. Lakoff e Johnson (2002) entendem que, por trás da ideia expressa nesse ditado, encontra-se a premissa de que o tempo é algo valioso e que deve ser bem utilizado. Por isso, faz-se a analogia do termo em conjunto com o substantivo “dinheiro”, que expressa, no contexto, uma palavra que remete a investimento, custo, ganhos e perdas.

Quanto às metáforas de orientação, entende-se que elas indicam um determinado posicionamento do enunciado, em termos positivos (para cima) ou negativos (para baixo). É o que se percebe a partir de expressões como “aquela pessoa é alto astral” ou, então, “aquele sujeito está no fundo do poço” (Lakoff; Johnson, 2002). Outro ponto que suleia a ideia de direção, segundo os autores, é o fato de que, quando não se sabe ao certo a definição de alguma situação, isso pode ser entendido positivamente (“existe uma ideia no ar”). Já quando a situação está definida, eventualmente, ela pode significar algo negativo (“o problema está colocado”).

Interessa a este estudo também o conceito de metáfora ontológica, o qual, de acordo com Lakoff e Johnson (2002), tem relação direta com a experiência advinda das substâncias e objetos físicos. Esse tipo de metáfora pode ter uma série de funções, como quantificação ("existe muito ódio no mundo"), por exemplo. Porém, é interessante observar que a metáfora ontológica costuma ser utilizada para personificar entidades não humanas e caracterizá-las com atitudes humanas (Lakoff; Johnson, 2002).

Nesse sentido, o presente capítulo se propõe a correlacionar as diferentes metáforas que permeiam o conto "A quase morte de Zé Malandro", parte integrante do livro *Contos de enganar a Morte*, escrito por Ricardo Azevedo. Para tanto, o texto está dividido em três momentos: no primeiro, apresentam-se alguns pontos sobre o autor e o conto em questão. No segundo, realiza-se a análise do texto propriamente dita, tendo por premissa as leituras propostas por Lakoff e Johnson (2002), Espíndola (2005) e Dias e Santiago (2018). Por fim, no terceiro momento, serão apresentadas as considerações finais sobre o assunto.

RICARDO AZEVEDO E "A QUASE MORTE DE ZÉ MALANDRO"

Ricardo Azevedo é um escritor e ilustrador paulista, autor de mais de uma centena de livros publicados nos quais se percebe uma forte interface com as tradições folclóricas (Medeiros; Lopes; Silva, 2022). Na percepção de estudiosos como Ferreira e Bulhões (2017), o trabalho de Azevedo se pauta no processo de resgate de histórias que remontam à dita cultura popular, principalmente os contos.

Vale salientar que, de acordo com Medeiros, Lopes e Silva (2022), Azevedo vem se dedicando, desde os anos 1980, a pesquisar

o universo da cultura popular e sua relação com a dita cultura erudita (alta cultura ou cultura oficial). Em texto publicado em 2008, Ricardo Azevedo afirma sobre o assunto:

[...] creio que conhecer e reconhecer as diferenças entre a cultura oficial e a cultura popular, aceitando que ambas, e não apenas a oficial, sejam relevantes, é uma questão de autoconhecimento social, pode ampliar nossa visão de mundo e permitir que a gente consiga pensar melhor sobre nossa sociedade, sobre nossa arte, sobre nossa literatura, sobre nossa educação e sobre nós mesmos (Azevedo, 2008, p. 21).

É possível afirmar, a partir do ponto de vista do autor, que tanto a cultura erudita quanto a popular são marcos essenciais para que uma sociedade construa processos através dos quais se proponha a refletir sobre aspectos primordiais, os quais, em conjunto, podem auxiliar na construção de princípios que congregariam as diversas formas de ser no mundo e de ver o mundo que a compõem, revelando-se fatores identitários que a congregam.

Contos de enganar a Morte (2003) pode ser considerado um elo que une narrativas de origem popular com o universo da cultura mais elitizada e canônica, isso por várias razões, entre elas o fato de o livro ter sido considerado altamente recomendável para leitura pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ)¹ em 2004. Ademais, a obra recebeu o segundo lugar no Prêmio Jabuti²,

1 A FNLIJ foi criada em maio de 1968 e se caracteriza por ser uma instituição sem fins lucrativos, de caráter técnico-educacional e cultural, estabelecida no Rio de Janeiro. Ela atua junto a organizações internacionais, como a *International Board on Books for Young People* (IBBY), a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), colaborando para a difusão do hábito da leitura. Para maiores informações ver: <https://blij.bn.gov.br/index.php/fnlj/>

2 O Prêmio Jabuti pode ser considerado uma das mais significativas premiações do mercado editorial brasileiro. Teve início em 1958 e se propõe a valorizar escritores e escritoras, além de destacar o trabalho de todas as pessoas envolvidas no cenário da produção do livro. A premiação também alcança pequenas editoras e autores e autoras independentes. Para maiores informações ver <https://www.premiojabuti.com.br/>.

na categoria “Livro Infantil”, também no ano de 2004. Destarte, é possível afirmar que Azevedo trouxe para a academia muitos elementos da cultura popular que passaram a se constituir como pontos de reflexão no que se refere a esse texto em particular.

Ferreira e Bulhões (2017) indicam que a composição de *Contos de enganar a Morte* se inspira no folclore. A partir dessa inspiração, Azevedo constrói um processo peculiar de produção artística, tornando-se uma espécie de menestrel que cria uma versão pessoal das histórias. Daí o forte teor de oralidade que emerge na narrativa, aproximando-a das características da literatura de cordel (Pereira; Medeiros, 2016). Esse processo é evidente logo ao início de “A quase morte de Zé Malandro”, como se percebe a partir do trecho transcrito a seguir:

Zé Malandro era uma boa pessoa, mas malandro que nem ele só. Em vez de trabalhar como todo mundo, preferia passar a vida zanzando e jogando baralho. Ou então, ficava deitado na rede, folgado, tocando viola de papo para o ar. Por causa disso era pobre, pobre, pobre (Azevedo, 2003, p. 47).

É possível observar, no texto, que Azevedo busca encontrar, através da escrita, uma performance (Zumthor, 2007), a qual remete à ideia do efeito que a voz humana apresenta quando se conta uma história. E, no caso específico desse conto, a história narrada envolve um homem que se propôs a enganar a morte e, aparentemente, logrou êxito na sua empreitada, pois, quando chegou ao fim de sua vida, não foi aceito nem pelo inferno nem pelo céu:

Foi direto para as profundezas do inferno.

Ao chegar lá bateu na porta. Apareceu o Diabo que, ao vê-lo recuou assustado e começou a gritar:

– Vai embora! Aqui você não entra! Cai fora, Zé Malandro!
No Inferno você não fica!

Sem saber direito o que fazer, Zé Malandro foi até o céu e bateu na porta. Apareceu São Pedro. O santo fez cara feia.

– Você não quis ser protegido, não quis perdão para seus pecados, não quis a salvação nem vir para o céu. Agora, não tem jeito. Vai embora! No céu você não fica.

E assim, sem ter para onde ir, Zé Malandro achou melhor voltar para a Terra. Dizem que até hoje anda por aí, inventável, jogando seu baralhinho (Azevedo, 2003, p. 56).

Percebe-se, no contexto, a aproximação feita por Azevedo da figura de Zé Malandro com o mito do Judeu Errante, considerado por Pierre Brunel (2000) como uma das figuras mais trágicas do universo literário, já que está condenado a vagar pela terra sem descanso até o dia do Juízo Final. De acordo com o autor, nesse mito:

[...] a imortalidade sobre a Terra torna-se paradoxalmente a sanção mais terrível que pode atingir um homem, uma vez que o exclui de toda a afeição humana e faz com que ele veja tudo à sua volta morrer, desaparecer e renascer (Brunel, 2000, p. 665).

Não existe, a princípio, um registro específico sobre como o mito do Judeu Errante nasceu. Não se encontra uma lenda que tenha sido o ponto de partida a fomentar a história e o seu desenrolar. Brunel indica que as informações sobre o mito possíveis de serem recuperadas apontam para “[...] a imagem difusa de uma testemunha da paixão do Cristo, a qual, sobrevivente do drama do Calvário, erra pelo mundo afora” (Brunel, 2000, p. 666).

Outras possibilidades falam sobre um possível sobrevivente que, durante o processo da via sacra, teria esbofeteado Cristo. Como castigo, estaria condenado a perambular eternamente, ou então deveria aguardar, anunciando seu arrependimento, pela nova vinda de Jesus, quando do final dos tempos (Paris, 1881).

Brunel entende que o mito do Judeu Errante constitui uma ponte entre a cultura erudita e a cultura popular, emergindo como

uma alegoria potente que advém de dois elementos cruciais que constituem o mito: “[...] a eternidade de um tempo morto e o vagar sem rumo ligado ao movimento” (Brunel, 2000, p. 667), os quais são fundamentais para a construção da narrativa.

Esses mesmos princípios podem ser percebidos em “A quase morte de Zé Malandro”, já que a personagem principal, depois de viver muito mais tempo que o previsto por ter enganado a Morte, “[...] estava velho demais e até um pouco gagá” (Azevedo, 2003, p. 54), não tinha aproveitado sua condição de eternidade, além de continuar “[...] sua vidinha folgada de sempre, [...], jogando baralho” (Azevedo, 2003, p. 54).

Infere-se aí a tônica do tempo morto, a qual, inclusive, é inerente ao cotidiano de muitas pessoas que se percebem prisioneiras de uma rotina e de supostas prioridades que fazem com que a vida passe despercebida, enquanto elas são envolvidas por uma imensa sensação de cansaço (Han, 2015), ao mesmo tempo em que perpetuam um movimento contínuo que reflete a busca incessante por algo inatingível, processo este que pode ser relacionado à ideia de vagar sem rumo.

Aquele que não morre, caso do Judeu Errante e também de Zé Malandro, está fadado a um destino coberto de desgraças, porque promove uma inversão da natureza da vida, disposta na lógica de que tudo aquilo que existe em forma orgânica, em algum momento encontrará seu fim. Na opinião de Brunel, essa inversão representa:

A fantasmagoria do morto-vivo [que] serve para animar um misticismo do horror que acrescenta ao didatismo teológico ou moral do penitente a ambiguidade do fantasma vítima de um malefício ou que tem a missão de reparar erros cometidos (Brunel, 2000, p. 668).

Assim, Azevedo constrói com “A quase morte de Zé Malandro” uma história a partir da qual “[...] o herói vem perturbar, como um remorso tenaz, a ordem racional tão dificilmente adquirida”

(Brunel, 2000, p. 668), pois a personagem central se torna uma espécie de devoradora tanto do tempo quanto do espaço, já que, para evitar a sua própria finitude, Zé Malandro aprisionou a Morte³ sem se preocupar com as consequências do seu ato:

Com a Morte aprisionada lá no alto da figueira, a confusão na cidade em que Zé Malandro vivia foi geral. Como ninguém mais morria, os coveiros e fabricantes de caixões ficaram sem trabalho. Os médicos e hospitais perderam a clientela. E, além disso, houve desemprego, pois as pessoas não se aposentavam mais nem cediam lugar para as outras mais jovens. E o pior: a população começou a aumentar muito (Azevedo, 2003, p. 50-51).

O excerto revela mais um ponto de correlação entre o conto em tela nesta análise e o mito do Judeu Errante, qual seja, a configuração de uma alegoria fantástica ou de um universo paródico em que a ideia de vida eterna surge como uma espécie de obsessão pessoal. Entretanto, o próprio texto infere sobre o quanto a morte se faz necessária não somente pelas questões apontadas, mas principalmente por ser um processo inerente à vida e uma das marcas essenciais que acompanham o ser humano, assim como o riso, o pensamento e a linguagem (Dastur, 2002)⁴.

3 Quando o texto fizer referência à morte como personagem do conto, será utilizada a grafia com letra maiúscula.

4 Este trabalho não tem por objetivo discutir as categorias "riso", "pensamento" e "linguagem" como elementos constitutivos das características essenciais do ser humano. Sobre o assunto ver: Chomski (1975), Minois (2003) e Severino (2006).

AS METÁFORAS PRESENTES EM "A QUASE MORTE DE ZÉ MALANDRO": FORMAS DE SE FALAR SOBRE A FINITUDE

O conto "A quase morte de Zé Malandro" apresenta, em seu início, características psicológicas da personagem central, indicando que Zé Malandro era "[...] boa pessoa, mas malandro que nem ele só" (Azevedo, 2003, p. 47). Nesse processo, enquanto todos ao seu redor trabalhavam, Zé Malandro levava uma existência dedicada a andanças e jogos de baralho. Quando não, ficava "[...] deitado na rede, folgado, tocando viola de papo para o ar" (Azevedo, 2003, p. 47), o que justificava a sua situação de pobreza.

Entretanto, mesmo diante da situação de miséria em que vivia, isso não o impediu de dividir sua parca refeição com um viajante misterioso que bateu à porta de sua casa em uma determinada noite. Após o jantar, pelo qual o viajante ficou agradecido, ele contou a Zé Malandro que tinha poderes mágicos e que, devido à sua generosidade para com ele, iria realizar- lhe quatro desejos.

Um ponto merece atenção neste trecho da história e diz respeito à categoria do fantástico, conforme indicada por Todorov (2007), a qual emerge do encontro inaudito entre um viajante misterioso que possui poderes mágicos e bate à porta de um homem miserável, porém de bom coração, disposto a repartir sua comida, caindo, pois, nas graças dessa figura sobrenatural.

Zé Malandro podia pedir a esse ser qualquer coisa, inclusive foi sugestionado por ele a pedir pela sua salvação; ou por proteção eterna e perdão pelos pecados; ou então pedir que, quando morresse, fosse para o céu. Porém, a personagem escolheu ser invencível no baralho; decidiu-se por uma figueira que, quem nela subisse, só descesse com sua autorização; solicitou um banco no qual,

quem nele sentasse só se levantasse por ordem dele; e pediu por um saco de pano que, quem nele entrasse só fosse libertado por Zé Malandro (Azevedo, 2003, p. 47-48).

Observa-se, aqui, que a personagem clama por elementos que estavam mais próximos de seu cotidiano, expondo aquilo que Todorov indica ser “[...] a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (Todorov, 2007, p. 16). Destarte, percebe-se aí uma relação entre a realidade e a imaginação, marcando um momento em que uma pessoa comum, como qualquer outra, e que habita o mundo real, se depara com algo inexplicável (Todorov, 2007).

Outro ponto importante versa sobre a questão do livre-arbítrio. É evidente que a figura misteriosa que fala em salvação eterna e perdão pelos pecados representa a ação divina sobre a vida humana, a qual, mesmo em sua magnitude onisciente, permite que as escolhas em relação ao destino sejam traçadas pelo próprio sujeito. Assim, as escolhas da vida serão determinantes para definir qual será o contexto em que acontecerá a morte.

Todos os pedidos de Zé Malandro foram concedidos pelo viajante, o que garantiu a ele a vida que sempre desejou, pois, conforme indica a narrativa, depois dessa visita, a personagem deixou os problemas de lado e seguiu seu cotidiano com calma e tranquilidade:

A partir daquele dia, Zé Malandro plantou um pé de figo ao lado de sua casa e nunca mais se preocupou com nada vezes nada. Passava o dia inteiro ou deitado na rede de papo para o ar ou jogando baralho. Como ganhava todas, sempre tinha dinheiro para comprar comida, roupa e as coisas de casa. Era tudo de que o Zé precisava (Azevedo, 2003, p. 48).

Nesta altura do conto, identifica-se a presença de uma metáfora utilizada pelo autor, disposta na frase “mas o tempo é invisível.

Passa dia e noite e ninguém vê" (Azevedo, 2003, p. 47). Quando Azevedo faz referência à invisibilidade do tempo, está articulando uma premissa que aponta para a ideia da passagem da vida e a analogia que ele utiliza para tal é correlata à árvore que Zé Malandro plantou, já que "a figueira virou uma árvore frondosa e Zé Malandro acabou ficando velho. Muito velho" (Azevedo, 2003, p. 48).

Percebe-se que o texto literário constrói uma simbologia através do pensamento abstrato para conceituar a passagem de uma vida e o consequente processo de envelhecimento. Para Lakoff e Johnson (2002), a capacidade que o ser humano tem de alcançar essa abstração permite que ele produza estruturas simbólicas as quais se correlacionam a outras estruturas que fazem parte da nossa experiência cotidiana, no caso específico a passagem da vida em alusão à ideia que envolve nascer, crescer, envelhecer e morrer.

A Morte também é tratada nesse conto de maneira metafórica, já que ela assume a característica da personificação (Lakoff; Johnson, 2002; Espíndola, 2005), a começar pela grafia do termo na condição de substantivo próprio, portanto adquirindo a especificidade de um nome. Essa perspectiva remonta a um princípio medieval que rendeu a premissa da discussão conhecida como querela dos universais (Contarato, 2022).

Nesse contexto, os defensores do nominalismo partem do princípio de que "[...] o que existe efetivamente são os indivíduos, não os universais. Portanto, no nominalismo temos uma linha teórica que [considera] apenas a existência de entidades individuais" (Brito, 2015, p. 32). Quando utilizada para pensar as questões da finitude, a ideia da morte a partir dessa lógica se ancora na premissa de que ela é individual, portanto não necessariamente atingirá a todas as pessoas. Assim, ela pode ser caracterizada a partir da morte do outro (Grzybowski, 2014), como algo estranho que pode ficar marginalizado, ser hostilizado e ocultado.

No conto de Azevedo, a Morte veste roupas, bate à porta das casas e anuncia a sua presença, caracterizando-se por ser uma visita indesejada. Além disso, ela entabula diálogos com as pessoas que vai levar consigo e mesmo aceita que essas pessoas barganhem com ela, como se percebe pela citação que segue, a qual evidencia o já citado processo de personificação:

Certa noite, bateram na porta da sua casa. Era a Morte vestida com uma capa preta.

- Zé, pode se preparar. Sua hora chegou – disse ela segurando uma foice.

- Mas como! – exclamou ele espantado. – Já? Deve haver algum engano! Ainda me sinto tão bem!

[...]

- Posso fazer um último pedido? – perguntou ele com lágrimas nos olhos. – Quero comer um figo antes de morrer.

- Pode ser – disse a Morte. – Mas ande logo com isso (Azevedo, 2003, p. 50).

A narrativa prossegue com a Morte sendo enganada por Zé Malandro, já que ele alegou ser muito velho e não conseguir subir na figueira para colher a fruta que desejava comer antes de morrer, pedindo que a Morte o fizesse por ele. Ao subir na figueira, ela ficou aprisionada e impedida de realizar seu trabalho, enquanto Zé Malandro simplesmente saiu para jogar baralho.

A morte é um problema filosófico na opinião de Dastur (2002), isso porque ela assume a característica de ser, ao mesmo tempo, um fenômeno simples (tudo aquilo que tem vida um dia irá morrer) e complexo (representado na ideia da finitude enquanto extinção total da natureza de um ser). No caso de “A quase morte de Zé Malandro”, essa complexidade filosófica é apagada pelo uso das metáforas, pois a Morte é uma personagem como outra qualquer no contexto da história: ela interage comumente, sendo destituída

das suas características de onipresença e onipotência, as quais a tornam semelhante a Deus.

Depois de muito argumentar com Zé Malandro, a Morte conseguiu convencê-lo a libertá-la da figueira, mas não sem antes conceder-lhe mais sete anos de vida, os quais ele aproveitou como de costume, pois “[...] continuou sua vidinha folgada de sempre, feliz da vida, jogando baralho, cada vez mais velho, cada vez mais inventível” (Azevedo, 2003, p. 51).

Além de personificar a morte, outra figura que assume as mesmas características no conto de Azevedo é o Diabo. Ele surge na história depois de passados sete anos do acordo de Zé Malandro com a Morte e é apresentado da seguinte maneira: “Certa noite, bateram na sua porta. Era um homem estranho, de cara feia, chapéu e paletó escuro” (Azevedo, 2003, p. 51). Novamente observa-se que o autor fez uso do mesmo recurso metafórico de personificação (Espíndola, 2005; Dias; Santiago, 2018): o Diabo veste roupas e bate à porta anunciando sua presença.

Ele veio no lugar da Morte para levar Zé Malandro para o inferno e, de antemão, já disse saber sobre a artimanha da figueira. Porém, mesmo sendo dotado de qualidades sobrenaturais, o Diabo não conhecia nada sobre o banco mágico de Zé Malandro e ficou preso nele ao sentar-se para tomar um copo de cachaça oferecido pelo herói da história:

– Posso fazer um último pedido? – perguntou ele com lágrimas nos olhos. – É muito importante. É o último desejo de um pobre velho miserável raquítico e esclerosado caindo aos pedaços. Queria tomar um traguinho de cachaça antes de abotoar o paletó. Você me acompanha?

O Diabo lambeu os beiços.

– Até que não é má ideia!

– Sente-se aí enquanto eu pego os copos e a pinga – disse Zé Malandro, puxando o banquinho.

Dito e feito. O Diabo sentou e de lá não saiu mais.

– Me tire daqui! – gritou ele, assustado

(Azevedo, 2003, p. 53).

O diabo, como descrito no conto em análise, enquadra-se no que Lakoff e Johnson (2002) entendem como metáfora ontológica, a partir da qual uma variedade de experiências humanas (motivações, características e atividades) são atribuídas a entidades não humanas. No caso específico, o diabo possui nome próprio, dado pela grafia do substantivo com letra maiúscula, apresenta adjetivos que o caracterizam (ele é feio), além de sentar-se e apreciar bebidas alcoólicas.

Outra característica que o aproxima da humanidade é o fato de o Diabo ser casado e temer a sua esposa, já que ele implora que Zé Malandro o solte, por medo do que sua mulher poderá fazer com ele: “– Minha mulher me mata! – berrava o Diabo furioso. – Saí para buscar você já faz mais de um ano e ainda não voltei para casa! Quando eu voltar ela me arrebenta!” (Azevedo, 2003, p. 53).

Cansado de ouvir o Diabo reclamar dia e noite, Zé Malandro acaba por conceder-lhe a liberdade, não sem antes barganhar por mais sete anos de vida. Não restou ao Diabo outra saída senão concordar, para poder garantir a saída da prisão à qual estava submetido. Vale salientar que é a segunda vez na construção da narrativa que o número sete é evocado, permitindo que se entenda aí uma alusão àquilo que Hilário Franco Júnior anuncia como sendo uma interpretação simbólica do número (Franco Júnior, 2001).

Para o historiador, no universo do medievo, cada número possuía a sua própria atribuição simbólica, sendo que o sete representa, nesse contexto, “[...] ao unir o espiritual e o material (3+4), [...] o homem plenamente realizado, completo” (Franco Júnior, 2001, p. 145). Portanto, pode-se dizer que a cada sete anos conquistados, e vencendo não somente a Morte, mas também o Diabo, Zé Malandro havia alcançado a plenitude que, para ele, era expressa no contexto

da “[...] vidinha folgada de sempre, feliz da vida, jogando baralho, cada vez mais velho, cada vez mais invencível” (Azevedo, 2003, p. 54).

A ideia de simplicidade proposta pela existência (a essa altura eterna) de Zé Malandro pode ser entendida como um princípio que anuncia que a felicidade e a realização não estão dispostas em grandes projetos ou na conquista de fortuna e bens materiais: vencer a morte, vencer o mal e levar uma vida satisfatória no sentido de atender às necessidades básicas de sobrevivência parecem ser os elementos que propiciam a Zé Malandro o sentido da construção de uma boa vida.

Quando o prazo de sete anos se finda, Zé Malandro recebe nova visita, dessa vez do Diabo acompanhado de sua mulher, a Diaba. Mais uma vez, o texto faz alusão à questão da figura não humana que apresenta motivações humanas para realizar seu intento, como apontam Lakoff e Johnson (2002). Dessa vez, a Diaba, tomada de ciúme por não ter acreditado na história do marido, acompanha-o para certificar-se de que não havia sido enganada ou traída, apontando para um processo de relação cotidiana entre casais.

Porém, Zé Malandro esperava por eles com o saco de pano (último presente da figura misteriosa) em mãos e “[...]. Os dois foram parar dentro do saco e lá ficaram. Zé Malandro apareceu com um pedaço de pau na mão e começou a bater no saco” (Azevedo, 2003, p. 54). E assim, durante um ano, o casal de diabos ficou apanhando todos os dias, aprisionado dentro do saco.

Nesse ponto, a narrativa já se encaminha para o seu final e torna-se possível pensar na vitória de Zé Malandro em alcançar a imortalidade. Afinal, ele havia vencido a morte, assim como havia vencido o mal, representado na figura dos diabos que lhe vieram buscar. Porém, ele não venceu o processo de envelhecimento nem o cansaço advindo da premissa de uma vida eterna, como se percebe pela seguinte citação: “No fim, Zé Malandro cansou. Estava velho demais e até um pouco gagá. Soltoou o casal de diabos que fugiu

mancando apavorado. Dias depois, o Zé fechou os olhos e entregou a rapadura” (Azevedo, 2003, p. 55-56).

Como dito anteriormente, Zé Malandro não encontrou espaço para ele nem no inferno nem no céu, talvez pelo fato de que sua ação significou a inversão da natureza a partir do momento em que ele resolve aprisionar a morte e o mal. A vida não existe sem a morte, processo que lhe é inerente. O bem só é compreensível enquanto elemento filosófico porque a sua ausência significa o mal (Aquino, 2005). Entende-se, pois, a razão pela qual ele pode ser comparado ao Judeu Errante, vivendo uma eternidade para pensar nos seus erros.

Também se torna possível perceber que o uso das metáforas nesse conto possibilita falar sobre a finitude e refletir sobre ela, entendendo como a morte pode ser algo necessário no sentido de contribuir para o equilíbrio do universo. As metáforas utilizadas no texto personificam a morte, dotando-a de características humanas, o que ajuda a não temê-la, mas sim percebê-la como algo que é inerente ao cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo utilizou-se da ideia das metáforas como elemento para construir significados sobre a morte. Geralmente, as metáforas constituem-se em palavras que são empregadas com um outro significado, diferente do costumeiro, permitindo que se crie uma ideia de comparação entre dois elementos, a qual fica subentendida.

As metáforas utilizadas no conto são figuras de linguagem que atribuem a seres não humanos características e qualidades inerentes aos seres humanos. Quando essas figuras são utilizadas, torna-se possível pensar a morte como uma personificação, o que possibilita refletir sobre ela e também sobre a ideia de finitude

sem que, necessariamente, se crie uma situação angustiante no processo, pois a metáfora, como tal, reduz a morte em termos de sua condição, já que retira dela a onipotência e a onipresença.

A partir do estudo de “A quase morte de Zé Malandro”, algumas premissas se tornam evidentes, entre elas o fato de que a imortalidade pode ser um fardo, tanto que, ao final da história, a personagem desejou morrer porque estava cansada e envelhecida. Outro ponto que o texto permite inferir é que as necessidades da vida podem ser mediadas por coisas simples, as quais também podem favorecer uma existência profícua.

É possível afirmar que o uso das metáforas nesse conto em particular possibilita a compreensão da ideia da finitude de maneira mais ampla, promovendo a reflexão sobre o sentido da eternidade. No geral, a premissa da longevidade é algo a ser perseguido pelas pessoas. Porém, o conto analisado faz com que se observe o sentido de aprisionar a morte, já que isso acarretou inúmeros problemas. Logo, pode-se dizer que a metáfora, enquanto recurso de linguagem, proporciona uma reflexão crítica sobre o sentido da finitude a partir de um horizonte simbólico.

REFERÊNCIAS

AQUINO, S. T. de. **Sobre o mal**. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2005. Tomo I.

AZEVEDO, R. **Contos de enganar a Morte**. São Paulo: Ática, 2003

AZEVEDO, R. Cultura Popular, literatura e padrões culturais. **Ricardo Azevedo**, 2008. Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/artigos/>. Acesso em: 02 dez. 2021.

BRITO, M. G. S. **Supositio, conotatio e significatio**: a crítica do nominalismo ockhamiano ao realismo. 2015. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8323?locale=pt_BR. Acesso em: 21 dez. 2023.

BRUNEL, P. **Dicionário de mitos literários**. 3. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

CÂNDIDO, A. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CHOMSKI, N. **Aspectos da Teoria da Sintaxe**. Coimbra: Armênia Amado, 1975.

CHOMSKY, N. **Reflexões sobre a linguagem**. São Paulo: JSN Editora, 2009.

CONTARATO, T. S. R. A querela dos universais e o realismo moderado. In: ALMEIDA, F. A. (org.). **Filosofia: os desafios do pensar**. v. 2, São Paulo: Editora Científica Digital, 2022.

DASTUR, F. **A Morte**: ensaio sobre a finitude. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

DIAS, A.; SANTIAGO, R. "Tocando o terror": a conceptualização metafórica da violência nos jornais de Caruaru (PE). **Letras em Revista**, Teresina, v. 08, n. 01, jan./jun. 2018.

ESPÍNDOLA, L. A metáfora conceptual ontológica na publicidade. **Revista do Gelne**, [s. l.], v. 7, n. 1/2, p. 19-28, 2005.

FERREIRA, E. A. G. R.; BULHÕES, R. M. As raízes populares na produção literária infantil e seus impactos no leitor: análise da obra "Contos de enganar a Morte", de Ricardo Azevedo. **Elos: Revista de Literatura Infantil e Juvenil**, [s. l.], n. 4, p. 79-82, 2017.

FRANCO JÚNIOR, H. **A idade média**: nascimento do Ocidente. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

GRZYBOWSKI, P. P. O doente, o sofrimento e a morte como estranhos. In: SANTOS, F. S.; SCHLIEMAN, A. L.; SOLANO, J. P. C. (org.). **Tratado Brasileiro sobre perdas e luto**. São Paulo: Atheneu, 2014.

HAN, B. C. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

MEDEIROS, M. M.; LOPES, G. B.; SILVA, L. A. R. Reflexões sobre tanatologia: uma análise de O homem que enxergava a morte. **Raído**, Dourados, v. 16, n. 41, p. 224-239, 2022. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/16087/9292>. Acesso em: 02 dez. 2023.

MINOIS, G. **História do Riso e do Escárnio**. São Paulo: UNESP, 2003.

PARIS, G. **Le juif errant**. Paris: Librairie Sandoz et Fischbacher, 1881. Disponível em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k63245f/f8.item.textImage#> Acesso em: 19 dez. 2023.

PEREIRA, D. C.; MEDEIROS, M. M. Elementos de cultura popular: Chaucer e o Cordel Brasileiro. **Revista de Letras Norte@mentos**, [s. l.], v. 9, n. 17, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/norteamentos/article/view/7051> Acesso em: 2 dez. 2023.

SEVERINO, A. J. A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. **Educação e Pesquisa** [online], v. 32, n. 3, p. 619-634, 2006.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção e leitura**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

3

*Giovana Ziegler Confessor
Wesllen Pereira da Silva*

A FUNÇÃO EMOTIVA DA LINGUAGEM EM “O HOMEM QUE ENXERGAVA A MORTE”

A linguagem, seja ela falada ou escrita, é um fenômeno que se constitui na forma privilegiada de comunicação que abarca os seres humanos, perfazendo todos os aspectos da vida em sociedade. Esse processo desperta a curiosidade de pensadores interessados nos aspectos variados da linguagem, incluindo Noam Chomsky (2009, 2024).

A linguagem, como processo multifacetado, adapta-se a várias finalidades no contexto social, o que torna relevante compreender suas múltiplas funções. Patrocínio (2011) indica essa multiplicidade ao correlacionar a linguagem aos seus usos “[...] por exemplo, para transmitir/receber informações, convencer outras pessoas, exprimir sentimentos, manter relações sociais, construir representações mentais do mundo, etc.” (Patrocínio, 2011, p. 22). Portanto, para atender às necessidades impostas por esses múltiplos usos, é possível afirmar que a linguagem se organiza em diferentes funções (Patrocínio, 2011; Jakobson, 1995).

Entre essas funções, destaca-se a chamada função emotiva, a qual, segundo Jakobson (1995, p. 124), é “[...] evidenciada pelas interjeições, colore, em certa medida, todas as manifestações verbais, ao nível fônico, gramatical e lexical”. Kempinska (2014) relata a complexidade em se estudar a função emotiva da linguagem, pois a mesma apresenta uma grande abrangência em termos de manifestações discursivas, o que dificulta a sua sistematização.

No que se refere ao texto escrito, a reflexão sobre essa função é ainda mais desafiante, pois subentende-se que a sua manifestação compreende a emoção, a qual pode ser centrada em outros elementos que não as palavras e que aludem a gestos, velocidade e volume da voz. Patrocínio (2011) aponta um caminho possível para uma análise da função emotiva da linguagem a partir do universo da escrita quando menciona que na função emotiva:

[...] a mensagem é **centrada no próprio emissor**, que, por meio de pronomes (*eu, me*) e de verbos na primeira pessoa [...], evidencia seu mundo interior, sua subjetividade, seus sentimentos e emoções. Quando a mensagem é empregada com essa finalidade, dizemos que nela predomina a **função emotiva** ou **expressiva** da linguagem (Patrocínio, 2011, p. 23, grifos no original).

Diante do exposto, e tendo como parâmetro o conto de autoria de Ricardo Azevedo, intitulado “O homem que enxergava a morte” (Azevedo, 2014), o presente capítulo procura analisar como a função emotiva se apresenta no texto enquanto ferramenta discursiva que expressa manifestações de pesar diante da finitude. A opção por esse conto se fez devido à forma sensível como aborda a condição humana frente à morte, possibilitando observar nuances da função emotiva em sua construção.

Para tanto, pautou-se em uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico e documental, compreendendo aqui o texto literário no mesmo escopo de Martino (2018), para quem o referido texto apresenta as subjetividades de quem o produz, com o intuito de expressar uma visão de mundo. Dando seguimento à discussão, serão apresentadas agora as correlações entre a função emotiva da linguagem e o texto de Ricardo Azevedo.

EXPRESSÕES DA EMOTIVIDADE EM “O HOMEM QUE ENXERGAVA A MORTE”

Um dos pontos que chama a atenção de imediato na história escrita por Azevedo (2014) diz respeito ao fato de que ela já se inicia apresentando um cenário no qual o sofrimento é elemento constituinte do cotidiano das personagens: trata-se de uma família pobre, que vive em um casebre com seis filhos pequenos. A situação

se torna ainda mais complexa quando uma nova gravidez é descoberta. Diante desse contexto, é apresentada a seguinte passagem:

Vestiu o casaco e saiu de casa com ar preocupado. Temia que ninguém quisesse ser padrinho da criança recém-nascida. Arranjar padrinho para o sexto filho já tinha sido difícil. Quem iria querer ser compadre de um pé-rapado como ele?

E lá se foi o homem andando e pensando e quanto mais pensava mais andava inconformado e triste (Azevedo, 2014, p. 11).

O trecho acima transcrito revela o estado de espírito do pai da criança por meio de referências que ensejam seu “ar preocupado”, sua inconformidade e tristeza diante de sua situação de pobreza, que lhe impedia de realizar os arranjos sociais esperados, mostrando a sua vulnerabilidade em uma dimensão social (Roselló, 2009).

Por meio dessa descrição, tem-se um constructo linguístico que utiliza as emoções para expressar um tipo de conhecimento sobre as personagens que compõem a narrativa, expressando uma forma de pensamento que cria um toque de verossimilhança, aproximando o texto da realidade cotidiana, pois a situação vivenciada pela família é experimentada por inúmeras pessoas em condição socioeconômica semelhante. A linguagem é utilizada, aqui, como um conjunto de signos que permite “[...] pensar, memorizar e refletir [...]” (Oliveira; Souza; Batista, 2019, p. 43) sobre essa situação, causando um efeito emocional em quem lê o texto, por meio do uso de palavras que expressam o estado de espírito e os sentimentos do pai da criança.

O homem já se propunha a retornar desanimado para casa quando se deparou com uma “[...] figura curva, vestindo uma capa escura, apoiada numa bengala. A bengala era de osso” (Azevedo, 2014, p. 11). Trata-se de ninguém mais, ninguém menos que a Morte, que se propõe a apadrinhar o nascituro.

Um ponto a ser observado nesta análise é o papel atribuído pelo autor à Morte e ao homem que se tornará seu compadre: a palavra Morte aparece grafada em letra maiúscula, indicando tratar-se de um substantivo próprio, ou seja, algo que merece um nome específico. Já "homem" é grafado com letra minúscula, apresentando-se como um substantivo comum. De certa forma, isso sugere uma hierarquia que deixa entrever que a finitude alcançará todo ser humano, na condição daquilo que, filosoficamente, poderia ser chamado de universal.

Observa-se aqui uma referência à chamada teoria do nominalismo (Marcos; Ruffo, 2018), tradição que rejeita a ideia de universais como entidades ou conceitos com existência independente das coisas particulares. De acordo com essa premissa, o termo "Morte", grafado com letra maiúscula, sugere um tratamento quase personificado e singular, atribuindo-lhe uma identidade própria. Já o termo "homem", grafado em minúscula, simboliza uma condição universal aplicada a todos os seres humanos. Ou seja, a Morte tem um poder concreto diante da universalidade da finitude humana, representando aí uma convenção linguística que aponta para a sua inexorabilidade.

Vale a pena observar que o diálogo que estabelece o vínculo de compadrio entre Morte e o homem é repleto de palavras que evocam a função emotiva da linguagem, pois refletem os sentimentos que a Morte tem diante da maneira como é percebida pelas pessoas, conforme se percebe na passagem transcrita:

Já estou acostumada a ser maltratada. Em todos os lugares por onde ando as pessoas fogem de mim, falam mal de mim, me xingam e me amaldiçoam. Essa gente não entende que não faço mais do que cumprir a minha obrigação. Já imaginou se ninguém mais morresse no mundo? Não ia sobrar lugar para as crianças que iam nascer! (Azevedo, 2014, p. 13).

Na fala da Morte, percebe-se a lógica da metáfora ontológica, conforme pesquisada por Lakoff e Johnson (2002). Nessa

perspectiva, ela assume a característica da personificação, tornando-se uma espécie de espelho das próprias dores do ser humano, representadas no desejo de compreensão e reconhecimento. Tal perspectiva de análise é corroborada por outros trabalhos, como a pesquisa de Grigol e Weber (2021), a partir da qual a morte surge no texto literário em estágios que se alternam entre a corporificação (também entrevista no texto de Azevedo) e a humanização.

Outro elemento que corrobora a perspectiva da função emotiva está no fato de que a Morte sabe expressar gratidão, por reconhecer que o homem foi a primeira pessoa a tratá-la com gentileza. Diante disso, "[...] declarou que [...] transformaria o pobre homem numa pessoa rica, famosa e poderosa" (Azevedo, 2014, p. 13). Para tanto, mandou o homem retornar à sua casa e colocar diante da porta uma placa dizendo ser médico. O arranjo entre os dois era aparentemente simples:

Daquele dia em diante, caso fosse chamado para examinar algum doente, se visse a figura dela, a figura da Morte, na cabeceira da cama, isso seria sinal de que a pessoa ia ficar boa.

– Em compensação, – rosnou a Morte – se me enxergar no pé da cama, pode ir chamando o coveiro, porque o doente logo, logo vai esticar as canelas (Azevedo, 2014, p. 14).

Em síntese, o acordo entre Morte e o homem garantia ao último o dom de vê-la cumprindo a sua missão. E foi assim que o pobre homem tornou-se realmente muito rico, graças ao fato de ser capaz de oferecer um diagnóstico preciso e infalível. Porém, o tempo passou e chegou o momento em que a Morte veio fazer-lhe a sua última visita, causando em seu compadre um sentimento de revolta: "Mas como! – gritou. – **Fui** pobre e **sofri** muito. Agora que **tenho** uma profissão, **ajudo** tantas pessoas, **tenho** riqueza e fartura, você aparece para **me** levar! Isso não é justo!" (Azevedo, 2014, p. 15, grifos nossos).

Os destaques em **negrito** indicam a perspectiva de Patrocínio (2011) sobre a função emotiva através do uso do ponto de exclamação, indicando um misto de surpresa e desgosto, dos verbos e do pronome em primeira pessoa. A fala do homem representa dilemas universais como o desejo de uma vida mais longa, o medo de enfrentar o destino e o desejo de desafiar a ordem natural da vida, levando à criação de uma situação que emociona o leitor. A partir dessa forma de escrita, desvela-se a vulnerabilidade da finitude humana, promovendo um processo de identificação com a personagem de Azevedo que dialoga com a Morte.

Savegnago e Grazioli (2024) entendem que a literatura, especialmente a literatura infantil e infantojuvenil, torna-se uma ferramenta importante na “[...] construção da interioridade, base da identidade do sujeito, espaço de resgate e reserva daquilo que é mais íntimo, daquilo que é subjetivo” (Savegnago; Grazioli, 2024, p. 38). De certa maneira, é essa relação de subjetividade que alude ao entendimento, por parte do leitor, do vínculo que é gerado entre homem e Morte, em que esta aparece como uma figura honesta e mesmo sensível, já que se apiedou de um homem pobre e desafortunado, tornando-se sua parceira e propiciando-lhe uma vida melhor.

Tantas foram as súplicas por mais tempo de vida que Morte atendeu ao pedido do seu compadre, garantindo-lhe mais um ano. Nesse período, o homem continuou atendendo pessoas doentes e vendo a Morte, ora aos pés, ora à cabeceira da cama da pessoa que jazia enferma. Foi na continuidade da sua prática que o homem se defrontou com uma situação na qual sentiu-se na obrigação de contrariar a Morte, quando foi chamado a atender uma menina e enxergou a Morte ao pé da cama, pronta para cumprir sua missão:

O médico sentou-se na beira da cama e examinou a moça. Era muito bonita e delicada. O homem sentiu pena. Uma pessoa tão jovem, com uma vida inteira pela frente, não podia morrer assim sem mais nem menos. 'Isso está muito errado', pensou o médico, e tomou uma decisão.

'Já estou velho, não tenho nada a perder. Pela primeira vez na vida vou ter que desafiar minha comadre! E rápido, de surpresa, antes que a Morte pudesse fazer qualquer coisa, deu um jeito de virar o corpo da menina na cama, de modo que a cabeça ficou no lugar dos pés e os pés foram parar do lado da cabeceira (Azevedo, 2014, p. 16).

O trecho citado apresenta um momento de tensão, pois, ao inverter a posição da jovem na cama, o gesto do homem revela compaixão e rebeldia, demonstrando uma força emocional que dominou sua racionalidade, fazendo com que ele quebrasse o acordo feito com a Morte. Alguém que lidava com ela constantemente sentiu-se no direito de desafiá-la porque julgou que o fim da vida de uma pessoa jovem seria injusto. Nesse sentido, o homem tornou-se igual a todas as pessoas que escarneciam da Morte, como ela mesma lhe havia confessado, o que serviu de mote para que ela se sentisse ultrajada:

A família da moça agradeceu e festejou. A Morte foi embora contrariada, e no dia seguinte aparecer na casa do médico.

– Que história é essa? Ontem você me enganou!

– Mas ela ainda era uma criança!

– E daí? Aquela moça estava marcada para morrer – disse a Morte. – Você contrariou o destino. Agora vai pagar caro pelo que fez. Vou levar você no lugar dela! (Azevedo, 2014, p. 16-18).

O diálogo construído por Azevedo (2014) revela novamente a potência da função emotiva da linguagem expressa nos sentimentos que são desvelados no excerto analisado: a Morte se sente traída e enganada por alguém em quem confiava. O homem, por sua vez, não aceitava a ação do destino, que considerava injusta. Percebe-se, aqui, a construção de uma linguagem e de figuras que geram reflexões pertinentes sobre a fragilidade da vida.

Diante da assertiva da Morte, de que o levaria no lugar da jovem que fora salva pelo seu truque, o homem tentou negociar

dizendo que ainda não se passara um ano do prazo que ele e a Morte haviam negociado, mas ela não lhe ofereceu saída e o transportou magicamente para um estranho lugar:

Era um salão imenso, cheio de velas acesas, de todas as qualidades, tipo e tamanhos.

– O que é isso? – quis saber o velho.

– Cada vela dessas corresponde à vida de uma pessoa – explicou a Morte. – As velas grandes, bem acesas, cheias de luz, são vidas que ainda vão durar muito. As pequenas são vidas que já estão chegando ao fim. Olhe a sua.

E mostrou um toquinho de vela, com a chama trêmula, quase apagando.

– Mas então minha vida está por um fio! – exclamou o homem assustado. – Quer dizer que tudo está perdido e não resta nenhuma esperança?

A Morte fez que ‘sim’ com a cabeça. Em seguida, transportou o médico de volta para casa (Azevedo, 2014, p. 18).

O simbolismo das velas, que é apresentado nesse trecho da narrativa, demonstra de forma sensível e delicada o processo de vulnerabilidade ontológica (Roselló, 2009), inerente ao fato de que uma das características intrínsecas do ser humano é exatamente a sua finitude. Na opinião de Eliane Brum (2013), o mundo contemporâneo carece do entendimento de que a morte não é o oposto da vida, mas sim uma parte inerente a ela. Nesse sentido, a imagem das velas com chamas em diferentes estágios sugere essa compreensão, ao mesmo tempo em que alude à falta de controle do ser humano em relação à sua finitude.

Já enfraquecido em sua cama, o homem faz uma súplica para a Morte, pedindo-lhe que lhe permitisse rezar um Pai-Nosso antes de sua partida. Ela aceita de bom grado e o homem ainda insiste: “Quero que me prometa uma coisa. Jure de pé junto que só vai me

levar embora depois que eu terminar a oração" (Azevedo, 2014, p. 19), com o que a Morte concorda.

O homem deu início a sua reza, porém não a concluíu, quando foi instado pela Morte a terminá-la, ao que ele respondeu: "Coisa nenhuma! – exclamou o médico saltando vitorioso da cama. – Você jurou que só me levava quando eu terminasse de rezar. Pois bem, pretendo levar anos para acabar a minha reza..." (Azevedo, 2014, p. 20).

Nota-se aqui um trecho em que a astúcia do homem lhe garante mais alguns anos de vida ao ludibriar a Morte mais uma vez: dessa forma, o texto literário maneja novamente uma série de sensações através da emotividade, entre elas um alívio momentâneo por saber-se livre do imperioso destino. Entretanto, a Morte não se daria por vencida e, ao partir da casa do seu compadre, deixou claro que eles ainda iriam se reencontrar.

O tempo passou e o homem viajou certo dia. No seu caminho, deparou-se com um corpo jazendo estendido no meio da estrada, o que lhe despertou grande sentimento de piedade. Por mais que o homem tentasse, viu que nada mais podia ser feito para ajudar aquele indivíduo, então dispôs-se a realizar um último ato em nome do cadáver desconhecido:

[...] o homem tirou o chapéu e rezou o Pai-Nosso.

Mal acabou de dizer amém, o morto abriu os olhos e sorriu. Era a Morte fingindo-se de morto.

– Agora você não me escapa!

Naquele exato momento, uma vela pequena, num lugar desconhecido e estranho, estremeceu e ficou sem luz (Azevedo, 2014, p. 20).

O conto se encerra denotando a última grande lição. A morte é um momento que faz parte da vida e não se pode fugir ao destino, mesmo que se tente barganhar com ela. Confrontado com sua finitude,

o ser humano se sente desconfortável porque lhe faltam elementos para discutir sobre ela. Nesse sentido, o texto literário se revela como um aliado na compreensão do processo de morte e morrer, e a função emotiva apresenta-se como instrumento utilizado para tal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto analisado neste capítulo evidencia, de maneira sensível e instigante, a função emotiva da linguagem enquanto forma de retratar poeticamente dilemas universais como os que envolvem a relação entre vida, morte e finitude. A narrativa é rica em emoções e explora a premissa da vulnerabilidade humana diante da inevitabilidade da morte, refletindo sobre sentimentos como medo, compaixão, esperança e desespero.

A função emotiva da linguagem, cujo foco está centrado no emissor e na expressão de suas emoções, é utilizada no conto de forma marcante. As escolhas linguísticas feitas pelo autor, expressas nos diálogos entre o homem e a Morte, promovem a identificação do leitor com os personagens e suas experiências. Desde a frustração inicial do homem pobre até sua astúcia em desafiar a Morte, cada trecho revela um teor emocional que cativa o leitor e o convida à reflexão sobre um tema pertinente, qual seja, o processo de morte e morrer.

É significativo também o fato de essa narrativa personificar a Morte, que se apresenta aqui não como uma vilã, mas como um personagem justo e sensível, capaz de apresentar-se compassiva e atender às súplicas com reciprocidade. Tal retrato desafia as percepções mais tradicionais e permite uma reflexão sobre o papel da morte na vida, destacando-a não como força oposta, mas como parte essencial da existência.

Some-se a isso o fato de que o conto utiliza metáforas interessantes – como as velas, que representam a duração da vida – para ilustrar a fragilidade e a transitoriedade da condição humana. Essa imagem simbólica, ao mesmo tempo poética e melancólica, reforça a mensagem de que a vida é efêmera e que, apesar dos esforços para negar ou adiar a morte, ela é inevitável.

Por fim, o texto de Azevedo (2014) torna-se uma ferramenta preciosa para discutir a morte e o morrer, especialmente em contextos em que o tema é evitado. Por meio da função emotiva da linguagem, o conto provoca empatia e introspecção, reafirmando a importância de aceitar a finitude como parte integrante do ciclo da vida. Assim, ao enfrentar questões tão universais e íntimas, a obra transcende o aspecto de fruição característico do texto literário e se torna um elemento a partir do qual se pode aludir ao processo de compreensão da existência humana.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, R. **Contos de enganar a Morte**. 18. Reimp. São Paulo: Ática, 2014.
- BRUM, E. **A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.
- CHOMSKY, N. **Linguagem e mente**. 3. ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2009.
- CHOMSKY, N. **O essencial Chomsky**: os principais ensaios sobre política, filosofia, linguística e teoria da comunicação. São Paulo: Crítica, 2024.
- GRIGOL, M.; WEBER, S. **A personificação da morte na obra "As intermitências da morte", de José Saramago**. 2021. Monografia (Especialização em Concepções Multidisciplinares da Linguagem) – Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Xanxerê, 2021.
- JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1995.

KEMPINSKA, O. D. G. A função emotiva em perspectiva intercultural. **Galáxia**, São Paulo, n. 27, p. 202-213, jun. 2014.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

MARCOS, C. H.; RUFFO, I. E. A correspondência entre linguagem e ideias no nominalismo de semelhança: a evolução do problema da formação dos termos gerais. **Occursus - Revista de Filosofia**, Fortaleza, v. 8, n. 1, p. 123-145, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/Occursus/article/view/13375>. Acesso em: 14 nov. 2024.

MARTINO, A. Literatura como fonte histórica: a língua portuguesa pelas crônicas de Machado de Assis. **Verbum**, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 72-92, maio 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/35944/25503>. Acesso em: 14 nov. 2024.

OLIVEIRA, F. R. S.; SOUZA, S. M.; BATISTA, E. C. Pensamento, linguagem e comunicação: um ensaio sobre estes processos mentais na prática psicológica. **Rev. Enfermagem e Saúde Coletiva**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 41-49, 2019.

PATROCÍNIO, M. F. **Aprender e praticar gramática**. São Paulo: FTD, 2011.

ROSELLÓ, F. T. **Antropologia do cuidar**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SAVEGNAGO, S. A.; GRAZIOLI, F. T. Literatura para a infância e finitude (humana): reflexões a partir da obra *Até passarinho passa*, de Bartolomeu Campos de Queirós. **Revista Falange Miúda**, Garanhuns, v. 9, n. 1, p. 33-52, 2024. Disponível em: <https://periodicos.upe.br/index.php/refami/article/view/745>. Acesso em: 30 dez. 2024.

4

*Luisa da Rosa Silveira
Letícia Rocha Nunes*

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A FINITUDE:

**UMA ANÁLISE DE “O MOÇO
QUE NÃO QUERIA MORRER”**

A morte, embora inevitável, é um tema que ainda provoca silêncios, resistências e tabus, conforme indica Santos (2014). A maneira como lidamos com a finitude influencia profundamente nossas relações, nossas escolhas e a própria compreensão do que significa viver, já que seu estudo “[...] diz respeito a questões que estão enraizadas no centro da vida humana” (Santos, 2014, p. 03).

Na área da saúde, esse tema ganha relevância ainda maior, pois os profissionais são cotidianamente confrontados com situações de perda, dor e luto. Diante disso, a tanatologia emerge como campo do saber que busca compreender o processo de morte e morrer, oferecendo subsídios para uma atuação mais empática e humanizada (Medeiros; Silva, 2024).

No presente capítulo, propomos uma análise do conto “O Moço que não queria morrer”, de Ricardo Azevedo, à luz da proposta de Elisabeth Kübler-Ross (2008). Buscamos investigar como a narrativa literária pode refletir e promover reflexões sobre a finitude, dialogando com a formação humanística na área da saúde. À luz da tanatologia, o conto será analisado como expressão simbólica das tentativas humanas de negar, enfrentar e, por fim, aceitar a morte.

Este trabalho desenvolve-se com base em uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica. Sousa, Oliveira e Alves (2021) entendem esse método de pesquisa como aquele que se pauta pelo levantamento ou revisão de obras que já foram publicadas em relação ao tema proposto como objeto de estudo. A partir desse levantamento, torna-se possível a compreensão das teorias já desenvolvidas, ou em fase de desenvolvimento, que corroboram com a construção do conhecimento inerente ao assunto da pesquisa.

É nesse sentido que o texto de Kübler-Ross (2008) foi compreendido, principalmente no que se refere às cinco fases do processo de morte e morrer estudadas por ela. De modo semelhante, a leitura de Marcel Mauss (2003) contribuiu para o entendimento acerca da questão da finitude humana como um fato social que mobiliza

aspectos religiosos, simbólicos e afetivos de uma cultura, os quais se manifestam aqui no texto literário em análise. Do cruzamento dessas perspectivas nasceu o capítulo que segue e que, inicialmente, apresentará nossos referenciais teóricos sobre o tema.

REFERENCIAL TEÓRICO

Elisabeth Kübler-Ross é considerada uma das precursoras de um campo de estudos que se dedica a buscar a compreensão do processo de morte e morrer, a saber, a tanatologia (Menezes; Medeiros, 2020). Para Sampaio *et al.* (2018), essa área do saber se constitui em um espaço para reflexões de caráter interdisciplinar. Nesse sentido, os autores entendem que o fenômeno da morte é influenciado por uma série de fatores, tal como pela “[...] idade, pelos problemas físicos, pelas condições psiquiátricas, pela etnia, religiosidade, pelas personalidades, experiências e crenças socioculturais” (Sampaio *et al.*, 2018, p. 02).

Em seu livro *Sobre a Morte e o Morrer*, Kübler-Ross (2008) identifica cinco fases que compõem o processo da finitude humana: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Vale salientar que essas fases não são necessariamente lineares e podem não acontecer com todas as pessoas em fase terminal, porém ajudam a compreender as experiências emocionais das pessoas que se deparam com o processo do fim da vida. A perspectiva de Kübler-Ross nasceu a partir de sua experiência clínica com doentes terminais e indicou que reconhecer e falar sobre a morte contribui para um processo mais sereno e significativo de enfrentamento da finitude.

Atualmente, no Brasil, essa mesma linha de trabalho vem sendo adotada por outras pessoas interessadas em discutir o tema da finitude humana, entre elas a médica geriatra Ana Claudia Quintana Arantes, que defende a ideia de que é importante “[...] olhar

para o sofrimento que a morte e a consciência da finitude podem trazer” (Arantes, 2020, p. 10), no sentido de ressignificar nossa relação com a morte, passando a compreendê-la como um processo que faz parte da vida.

Diante disso, a literatura, enquanto expressão cultural, torna-se um espaço fecundo para refletir sobre o tema. Em *Contos de enganar a Morte*, Ricardo Azevedo (2014) trabalha a figura da Morte de forma personificada, aproximando-a do cotidiano e atribuindo-lhe traços humanos. Essa escolha estilística, que torna possível a humanização da morte, abre espaço para a discussão sobre a sua presença na vida e no cotidiano. Não se trata mais de ocultar a finitude ou de silenciar sobre ela, mas sim de caminhar na perspectiva diametralmente oposta, ou seja, alcançar o entendimento de que a morte é “[...] um aspecto integral da vida humana” (Santos, 2014, p. 03).

A opção que Azevedo faz, ao tratar o tema com humor e a partir de narrativas populares, torna mais palatável a ideia de que o fim da vida alcança a todos de forma inexorável. Na opinião de Medeiros, Bocon e Silva (2022), esse tipo de literatura pode auxiliar enquanto processo educativo no que se refere à maneira de lidar com as perdas cotidianas que as pessoas sofrem. Os autores afirmam:

O uso da literatura enquanto elemento para a discussão da educação para morte é algo pertinente a ser considerado e pode ser feito diante de uma perspectiva de educação que se pautar em princípios interdisciplinares. O texto literário apresenta-se um universo fecundo em termos de construção de sentidos e representações sobre as mais diversas esferas da existência humana, entre elas a que envolve a morte (Medeiros; Bocon; Silva, 2022, p. 88).

Marcel Mauss (2003) compreende o processo de morte e morrer como um fato social de natureza totalizante, pois mobiliza aspectos religiosos, simbólicos e afetivos de uma determinada cultura. Ao retratar essas dimensões, a literatura também assume esse caráter total, refletindo os valores e os sentidos atribuídos à finitude

em diferentes contextos históricos. Assim, o conto analisado torna-se uma via legítima para refletir sobre os modos pelos quais diferentes sociedades elaboram a morte e suas implicações.

ANÁLISE DO CONTO “O MOÇO QUE NÃO QUERIA MORRER”

“O Moço que não queria morrer” é o terceiro conto da coletânea *Contos de enganar a Morte*, obra de Ricardo Azevedo, com sua primeira edição publicada em 2003 pela editora Ática. Em todos os contos da obra, podemos observar uma personagem em comum: a Morte. No universo de Azevedo, temos a morte vista como um indivíduo pensante que interage com as demais personagens, quase como um ser mitológico ou uma entidade, tendo a grafia de seu nome, “Morte”, com letra maiúscula, o que lhe confere a já anunciada humanização.

A narrativa se inicia com um jovem viajante que certo dia encontra a Morte como um vulto. Ao perceber de quem se tratava, assusta-se e se torna violento, pega um pedaço de pau na mão e tenta se defender da Morte dizendo: “[...]. Se veio pra me levar vai ter que ser na marra. Não pretendo morrer de jeito nenhum. [...]” (Azevedo, 2014, p. 35). A Morte apenas sorri e assegura ao jovem que sua hora ainda não havia chegado, mas que um dia voltaria para buscá-lo.

O rapaz demonstra um medo próximo do irracional ao se deparar com a possibilidade da sua finitude, deixando clara sua insatisfação com a possibilidade de morrer um dia, como se percebe na passagem que segue: “O jovem ficou pensando. Não queria morrer nem quando ficasse velho. Achava errado morrer. Para ele a morte era uma injustiça [...]” (Azevedo, 2014, p. 35). O trecho evidencia como a morte não costuma ser bem aceita ou entendida como um fenômeno

natural para a maioria das pessoas, gerando medo e a vontade de fugir diante de sua iminência, em uma perspectiva negacionista (Kübler-Ross, 2008).

Após seu encontro com a Morte, nosso personagem, determinado a fugir do inevitável destino de todos os seres vivos, parte em uma missão, qual seja, encontrar um lugar onde a morte não existisse, e assim começa sua busca:

E lá se foi o jovem viajante pelo mundo afora em busca do lugar onde ninguém morria.

Andou, andou, andou. Andava e perguntava para todos que encontrava. Ninguém nunca tinha ouvido falar no tal lugar. Alguns até davam risada. Outros balançavam a cabeça sem querer acreditar.

O jovem, teimoso, foi em frente (Azevedo, 2014, p. 37).

Depois de muito procurar, um dia o rapaz encontra um velho conduzindo uma carroça, a quem pergunta se conhecia algum lugar onde ninguém morresse. O velho responde que se o jovem não quisesse morrer, deveria ficar perto dele. Ao apontar para longe, ele explica:

— Está vendo aquela montanha? Se ficar comigo, enquanto eu não transportar toda ela com minha carroça, pedra por pedra, pedaço de terra por pedaço de terra, você vai viver.

— Mas por quanto tempo?

— Com certeza, mais do que cem anos — respondeu o homem velho.

— É pouco — disse o moço. — Quero viver bem mais que isso.

Despediu-se e foi embora (Azevedo, 2014, p. 37).

Para o jovem, viver muito tempo não era o suficiente; ele queria a imortalidade. Com isso, prosseguiu com sua busca por um local

onde a Morte não pudesse lhe alcançar. Em seguida, o rapaz encontra um velho com um machado e lhe faz a mesma pergunta sobre o lugar onde ninguém morria. O velho informa que, caso não quisesse morrer, o rapaz deveria ficar perto dele e aponta para uma floresta: “Se ficar comigo, enquanto eu não cortar todas as suas árvores, tronco por tronco, galho por galho, você vai viver” (Azevedo, 2014, p. 38). O rapaz pergunta por quanto tempo iria viver se o fizesse; o velho afirma que ele viveria mais de 200 anos, mas, novamente, não é o suficiente para o rapaz, que nega a proposta e vai embora.

Em seu próximo encontro, o jovem conhece um velho ainda mais velho carregando um balde de água. O jovem lhe faz a mesma pergunta, e o velho responde apontando para o oceano: “Está vendo aquele mar? Se ficar comigo, enquanto eu não tirar toda sua água com meu balde, litro por litro, gota por gota, você vai viver” (Azevedo, 2014, p. 38). Entretanto, o velho afirma que com isso o jovem viveria cerca de 300 anos; então, ele nega a oferta novamente e continua sua busca pelo lugar onde não morreria nunca.

Certa noite, depois de muito andar, o rapaz avista um castelo dourado no alto de um penhasco e decide subir até lá. Ao chegar à entrada do castelo, ao amanhecer, o jovem bate à porta, mas não é atendido por ninguém. Ele resolve andar pelo local e chega a uma fonte; perto dali, encontra a mulher mais linda que já havia visto na vida. Eles têm o seguinte diálogo:

— Por favor – disse ele aproximando-se, encantado. – Por acaso, sabe onde fica o lugar onde ninguém morre?

A moça sorriu e seu sorriso era simplesmente luminoso.

— Este é o lugar aonde a Morte não vem — respondeu a moça. — Fique para sempre comigo — pediu ela. E disse mais:

— Enquanto estiver aqui, tenha certeza disso, você vai viver.

— Mas por quanto tempo?

— O tempo que você desejar! (Azevedo, 2014, p. 39).

Finalmente, o jovem encontra exatamente o que queria. Ele aceita a proposta da moça bonita e passa a morar com ela no castelo dourado. Todos os dias pareciam um sonho: a comida e a bebida eram fartas, e o jovem dormia com a moça em uma cama confortável todas as noites. O rapaz parecia convencido de finalmente ter enganado a Morte, a qual tinha por uma criminoso que rouba a vida alheia¹.

Porém, um dia, depois de muito tempo vivendo a plenitude daquele lugar, o rapaz sente saudades de sua terra e de sua família e decide comunicar sua vontade de visitá-los à moça bonita. Ela não parece entender, já que viviam tão felizes naquele lugar, mas ele explica: “[...] Sinto saudade [...]” (Azevedo, 2014, p. 40). Nesse trecho, podemos perceber como, mesmo vivendo a vida que desejava, o rapaz não se sente totalmente feliz.

A moça tenta convencê-lo a ficar, mas, ao perceber que ele estava decidido, resolve lhe contar a verdade: “[...] Você já está morando aqui comigo há mais de quinhentos anos [...]” (Azevedo, 2014, p. 40). O rapaz fica surpreso, mas decide ao menos voltar para visitar o local onde cresceu. A moça não insiste, mas explica exatamente o que o rapaz deveria fazer para viajar de forma segura:

[...] Pediu a ele que viajasse no cavalo branco que vivia preso na estrebaria.

— Ele é mágico — contou ela. — É capaz de galopar mais rápido do que a ventania.

A jovem continuou. Seus olhos ficaram cheios de água:

— Por favor, preste muita atenção – pediu ela. — Nunca desça do cavalo e, principalmente, nunca, de jeito nenhum,

coma qualquer coisa enquanto estiver fora do castelo dourado (Azevedo, 2014, p. 42).

O rapaz concorda com a moça e parte em viagem com seu cavalo branco. Durante sua viagem, percebeu que o mundo estava muito diferente daquele que conhecia; quanto mais andava, menos reconhecia as paisagens. Ao se aproximar da vila onde viveu, deparou-se com uma enorme cidade, percebeu que sua casa já não existia e que nenhum de seus familiares ou amigos era lembrado. Decepcionado ao descobrir que tudo que conhecia já não existia mais, o rapaz decide voltar ao castelo dourado.

Ao cair da noite, o jovem já se encontrava cansado e com fome e, ao se deparar com um homem com uma carroça cheia de maçãs, decide parar para comer: “[...] Uma ou duas maçãs não vão me fazer mal [...]” (Azevedo, 2014, p. 43). O jovem parece não se lembrar do alerta claro da moça bonita de não poder comer nada no caminho nem descer do cavalo branco. Ele fala com o homem:

- Dá pra me vender umas maçãs?
- Quantas? — quis saber o sujeito, parando a carroça.
- Uma ou duas.
- Só isso? — exclamou o homem com voz desanimada.
- Pode pegar. Não vai custar nada. É por conta da casa.
- O jovem saltou do cavalo, escolheu uma maçã e mordeu.
- Foi quando uma mão fria e forte agarrou sua nuca.
- Agora você não me escapa! (Azevedo, 2014, p. 43).

Apesar dos avisos da moça bonita, o rapaz é vencido pela fome; porém, o que ele não esperava era que aquele vendedor de maçãs era, na verdade, a Morte disfarçada. Por maiores que fossem suas tentativas de ludibriá-la, a Morte é mais esperta e finalmente

consegue chegar até o rapaz para realizar sua missão. O homem, sem ter o que fazer, apenas aceita seu destino e morre.

Nesse conto, podemos perceber de forma evidente a negação, um dos estágios do luto estudado por Elisabeth Kübler-Ross (2008). De acordo com a autora, a negação é um sentimento comum daquele que encara a realidade da morte para si ou para um ente querido, mas costuma ser uma defesa temporária.

O personagem não aceita a morte como algo natural, mas sim como uma injustiça. Mesmo sendo um rapaz jovem durante seu primeiro encontro com a Morte, e tendo ela assegurado que seu dia demoraria a chegar, ele vai em busca de um lugar onde pudesse viver para sempre. Ele entra em um estado de negação, no qual não vê o fim da vida como uma possibilidade e torna-se tão obcecado a ponto de deixar toda a sua realidade para trás em troca da vida eterna.

Entretanto, podemos observar como, mesmo depois de ter encontrado o lugar onde a Morte não o alcançaria, o rapaz eventualmente sente falta de sua antiga vida. Ele, de certa forma, percebe que todos aqueles anos vividos não preenchiam o vazio de ter abandonado sua família, sua casa, seus amigos. Essa saudade é tão grande que ele assume o risco de sair da sua vida “perfeita” para ir atrás daquele afeto. Ao perceber que tudo aquilo que importava para ele não existia mais, fica desolado. Podemos analisar que sua decisão de não ouvir a moça bonita e comer algo fora do castelo, mesmo sabendo dos riscos, poderia ser sua forma de querer partir inconscientemente. Se tudo aquilo que ele amava já havia ido embora, talvez ele também estivesse pronto para ir.

Evidencia-se, em diversos trechos, como a visão que o rapaz tem em relação à finitude era negativa, como em: “[...] Para ele a morte era uma injustiça [...]” e “[...] Enganei a bandida! [...]” (Azevedo, 2014, p. 35, p. 40). Ele considerava a Morte como um ser maligno e injusto, como se morrer fosse uma punição, e não um processo natural da vida. De acordo com Kübler-Ross (2008), é necessário falar

sobre a morte e entendê-la mais a fundo, alcançando a compreensão necessária de que ela é um processo intrínseco à vida, o que poderia diminuir potencialmente a ansiedade e o medo a ela atrelados.

No final do conto, podemos observar o estágio de aceitação: “Conformado, o jovem viajante amoleceu o corpo e deixou que a escuridão tomasse conta de tudo” (Azevedo, 2014, p. 44). Kübler-Ross (2008) afirma que a aceitação é a fase final do processo de morte e morrer, em que o indivíduo não apenas reconhece a morte iminente, mas também se sente em paz em relação a ela. O jovem, depois de ter vivido por muitos anos fugindo e temendo a morte, percebe que tudo o que amava já tinha deixado de existir e finalmente aceita o inevitável destino de todos: a finitude da vida. O quadro a seguir demonstra em que trechos do conto as perspectivas de Kübler-Ross foram percebidas de forma mais assertiva.

Quadro 1 – As fases do processo de morte e morrer de Elisabeth Kübler-Ross no conto “O Moço que não queria morrer”

Fase (Kübler-Ross)	Trecho do conto	Análise/Comentário
Negação	“Se veio pra me levar vai ter que ser na marra. Não pretendo morrer de jeito nenhum”.	O jovem nega a possibilidade da morte, recusando-se a aceitá-la. Sua reação inicial é de resistência e incredulidade.
Raiva	“O moço puxou assunto com o recém-chegado. Em pé, com um pedaço de pau na mão...”	Há um sentimento de agressividade contra a Morte, demonstrado simbolicamente na arma em mãos. Ele expressa frustração e raiva por ser confrontado com a finitude.
Barganha	“Está vendo aquela mata? Se ficar comigo, enquanto eu não cortar todas as árvores [...] você vai viver.” [...] — É pouco — disse o moço. — Quero viver bem mais que isso”.	O jovem busca negociar alternativas para escapar da morte, procurando por lugares onde ninguém morra e tentando adiar seu destino.



Fase (Kübler-Ross)	Trecho do conto	Análise/Comentário
Depressão	"Mas o tempo é um vento que leva tudo." / "Sinto saudade — explicou o rapaz".	Ao perceber que perdeu tudo e que o mundo mudou, o jovem sente tristeza profunda, marcada pela saudade e pela frustração. Começa a perceber o vazio da fuga.
Aceitação	"O jovem saltou do cavalo, escolheu uma maçã e mordeu." / "Conformado, o jovem viajante amoleceu o corpo e deixou que a escuridão tomasse conta de tudo".	Ao comer a maçã, o jovem se entrega simbolicamente ao destino. Seu corpo relaxa, e ele aceita o fim. A Morte finalmente o alcança.

Fonte: elaborado a partir de pesquisa da autora (2024).

Nesse sentido, podemos afirmar que a trajetória do jovem é simbólica, no sentido de representar o percurso da existência humana diante da finitude. A sua recusa inicial, seguida de uma busca desesperada pela imortalidade, revela o medo culturalmente construído diante da finitude. No entanto, a aceitação final mostra que a paz interior só é possível quando se reconhece a morte como um fenômeno que faz parte da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do conto em tela nos permitiu articular a literatura e a tanatologia como campos complementares na formação dos profissionais de saúde. A leitura de narrativas que humanizam a morte, como a escrita de Ricardo Azevedo, propicia que estudantes e profissionais possam desenvolver maior empatia com doentes em fase terminal e seus familiares.

Entendemos, assim, que o texto literário oferece um espaço seguro para refletir sobre temas difíceis, facilitando a comunicação,

o acolhimento e o cuidado. Dessa forma, encontra-se no arcabouço literário uma ferramenta que permite discutir a morte de maneira educativa, propiciando aprendizagens sobre o valor da vida, o cuidado, o tempo e os afetos, processos esses que são pouco ou nada debatidos no contexto da formação tecnicista dos profissionais da saúde.

O texto escrito por Ricardo Azevedo, ao apresentar uma narrativa sensível em que o personagem central primeiro foge e depois aceita a sua condição de ser-para-a-morte, torna-se um instrumento potente para pensar a tanatologia. Ao identificar, no conto “O Moço que não queria morrer”, as fases descritas por Elisabeth Kübler-Ross, observa-se como a arte literária pode promover reflexões profundas sobre a existência, o medo da morte e a importância de se aceitar a finitude como parte do viver. Na formação em saúde, essa abordagem pode auxiliar, de maneira inequívoca, na construção de uma prática mais empática, humanizada e sensível às questões do processo de morte e morrer.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, A. C. Q. **Histórias lindas de morrer**. Rio de Janeiro: Sextante, 2020.
- AZEVEDO, R. **Contos de enganar a Morte**. 14. imp. São Paulo: Ática, 2014.
- KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. 9. ed, São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MEDEIROS, M. M.; LOPES, G. B.; SILVA, L. A. R. O uso da literatura para o ensino da tanatologia. **Revista Magistro**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 26, p. 76-90, 2022. Disponível em: <https://publicacoes.unigranrio.edu.br/magistro/article/view/7319> . Acesso em: 07 abr. 2025.
- MEDEIROS, M. M.; SILVA, L. A. R. **A construção de uma história do luto a partir do texto literário**: antiguidade. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

MENEZES, A. N.; MEDEIROS, M. M. **Dicionário crítico de tanatologia**. Dourados: Editora UEMS, 2020.

SAMPAIO, C. L. NERI, M. F. de S.; ARAÚJO, M. Â. M.; CAETANO, J. Á.; ELOIA, S. M. C.; SOUZA, Â. M. A. e. Aprendizagem baseada em problemas no ensino da Tanatologia, no curso de graduação em Enfermagem. **Esc. Anna Nery**, [s. l.] v. 22, n. 3, e20180068, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/sYtKzKCYd7vcYbF3StztmdS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 abr. 2025.

SANTOS, F. S. Perspectivas histórico-culturais da morte. *In*: SANTOS, F. S., SCHLIEMAN, A. L.; SOLANO, J. P. C. (org.). **Tratado brasileiro sobre perdas e luto**. São Paulo: Atheneu Editora, 2014.

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, G. S.; ALVES, L. H. Pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, [s. l.], v. 20, n. 43, p.64-83, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336/1441> Acesso em: 07 abr. 2025.

5

Nicole Rodrigues de Magalhães

O RISO E O RISÍVEL EM “O MOÇO QUE NÃO QUERIA MORRER”

Em sua obra *A Morte: ensaio sobre a finitude*, Françoise Dastur (2002) defende a ideia de que o riso e o pensamento são características eminentemente humanas que nos distinguem de outros animais, tidos como irracionais. Dastur (2002) argumenta que o ser humano tem a capacidade de lidar com a consciência da sua mortalidade por meio do pensamento reflexivo e do riso. Tais faculdades são fundamentais para nos ajudar no processo de aceitação da nossa finitude, bem como nos possibilitam dar sentido à nossa existência.

Nesse sentido, o presente capítulo busca compreender como o riso e o risível se manifestam no conto “O Moço que não queria morrer”, de autoria de Ricardo Azevedo, publicado na coletânea *Contos de enganar a Morte*, no ano de 2003. Para a escrita deste artigo, foi utilizada a décima oitava reimpressão do texto, publicada em 2014.

Nesse conto, Ricardo Azevedo apresenta aos leitores a história de um jovem que encontra a Morte no seu caminho e se revolta com a possibilidade de que sua vida, um dia, terá fim. Para evitar que isso aconteça, ele encontra um lugar mágico onde vive uma vida imortal e plena de doçuras, até o momento em que a angústia provocada pela saudade o faz retornar ao mundo comum, *lócus* em que, finalmente, a morte o alcança.

Em que pese a ideia trágica envolvendo a finitude de uma existência, o conto apresenta passagens em que o riso e o risível se fazem presentes, possibilitando que a tese de Dastur (2002) seja observada: o riso e o pensamento reflexivo sobre a morte são construídos por meio do discurso literário, entendido aqui na perspectiva antropológica de Driessen, para quem o humor, elemento central para despertar o riso e o risível, pressupõe uma “realidade constituída de fatores sociais e culturais” (Driessen, 2000), representada pelo texto em estudo.

A análise do conto de Azevedo (2014) foi feita tendo por base uma pesquisa de natureza qualitativa e documental, partindo da proposta de Graciano e Santos (2022), para quem o riso atende

às características de um enunciado. No que se refere à produção de sentidos, ele apresenta uma função de existência que precisa ser mediada pelo corpo e pela voz em uma atitude performática (Zumthor, 2000).

O capítulo que segue está dividido em três partes, a partir das quais nos propomos a demonstrar a relação entre o riso/risível e o pensamento como elementos para reflexão sobre a finitude: em um primeiro momento, apresentamos um apanhado sobre a produção literária de Ricardo Azevedo, processo fundamental para situar o autor e o conto analisado em termos de seu espaço no universo das letras. Posteriormente, trazemos a análise do conto “O Moço que não queria morrer”, a partir das premissas de Driessen (2000), Alberti (2002), Graciano e Santos (2022), entre outros. Por fim, tecemos nossas considerações finais sobre o assunto.

A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE RICARDO AZEVEDO EM PERSPECTIVA

Ricardo José Duff Azevedo é um escritor, ilustrador e pesquisador brasileiro, nascido em 1949, na capital do estado de São Paulo. Filho do geógrafo, professor universitário e autor de livros didáticos Aroldo de Azevedo e de Maria Gertrudes Duff Azevedo, ele é reconhecido como um dos mais notáveis autores da literatura infantojuvenil e tem mais de cem livros do gênero publicados (Garcia; Vilela, 2020). Seu interesse pela literatura surgiu de maneira espontânea durante a infância, visto que o hábito de leitura estava inserido no cotidiano dos pais e era facilitado pela disposição de uma biblioteca diversificada em casa (Azevedo, 2015).

Outra influência interessante dos pais foram os discos antológicos de poesia declamada pelos próprios autores e por atores

do grupo “Jograis de São Paulo”, veiculados na década de 1950 pela gravadora Festa e que eram apreciados pela família quando Azevedo tinha cerca de nove anos. Conforme relato do escritor, ouvir a interpretação de poemas modernistas brasileiros permitiu um acesso à arte que não seria viável por meio da leitura e, assim, foi crucial para ele reconhecer o poder da literatura, especialmente por meio de “José”, “Caso do Vestido” e “Morte do Leiteiro”, recitados pelo próprio Carlos Drummond de Andrade, além de outros poemas lidos pelos Jograis, como “Estrela da Manhã” e “Vou-me embora pra Pasárgada”, de Manuel Bandeira, e “Dia da Criação”, de Vinícius de Moraes (Azevedo, 2011; Baade, 2015; Garcia; Vilela, 2020).

Já o apreço pela escrita foi notado na época do até então chamado ginásio, por volta da sexta série do ensino fundamental II, por meio da elaboração de redações. Durante essa fase da juventude, o autor tinha uma rotina de leitura constante de vários autores estrangeiros, como Franz Kafka, além de cronistas e poetas brasileiros, como Rubem Braga e Murilo Mendes, respectivamente. Nesse cenário, a inclinação de Azevedo para a literatura infantil aflorou a partir do contato com os contos infantis do poeta suíço Peter Bichsel, que serviram de inspiração para seu primeiro texto, “Um Autor de Contos para Crianças” (1966), escrito aos 17 anos e, posteriormente, publicado como livro, intitulado *Um Homem no Sótão* (1982) (Azevedo, 2011).

Desde a adolescência, o escritor passou a produzir textos e composições musicais que foram armazenados para publicações futuras e possibilitaram um aprimoramento de suas habilidades de escrita. Em 1975, Azevedo graduou-se em Comunicação Visual pela Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e começou a trabalhar como redator publicitário, mantendo a produção textual com uma linguagem acessível e sucinta.

Ricardo Azevedo inaugurou sua carreira enquanto escritor e desenhista em 1980, com o lançamento do livro *O Peixe que Podia*

Cantar, em um período de expansão e busca das editoras por novos autores. Considerando que esse e alguns outros livros publicados por Azevedo começaram a ser adotados pelas escolas, ele era frequentemente convidado para ministrar palestras a professores e, ao se deparar com contradições do uso do texto literário nesse ambiente, percebeu a necessidade de recorrer ao estudo da literatura para entender mais sobre a temática e abordá-la com maior confiança (Azevedo, 2015; Baade, 2015).

Nesse contexto, observa-se que a discordância do escritor quanto à construção de uma literatura voltada exclusivamente para crianças foi a principal propulsora de seus estudos, o que o levou ao entendimento de que a literatura infantil é, em sua essência, uma literatura popular (Baade, 2015). Aliás, esta última já era objeto de admiração e inspiração de Azevedo, devido ao contato tanto com histórias e brincadeiras tradicionais, por meio de seu pai, quanto com a leitura de contos populares, sobretudo a obra de Peter Bichsel (Silvestre, 2005). Desse modo, ele iniciou seu trabalho como pesquisador por meio do mestrado e doutorado em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), concluídos, respectivamente, em 1997 e 2004 (Biografia [...], 2014).

Assim, sua pesquisa sobre o discurso popular iniciou-se com a investigação das marcas da cultura popular na literatura infantil, por meio de sua dissertação, e das questões relativas à oralidade e suas repercussões na música e na escrita com base nas letras de samba, resultando na tese *Abençoado & Danado do Samba – Um Estudo Sobre o Discurso Popular*, publicada pela Edusp em 2013 (Baade, 2015). Atualmente, Azevedo possui uma série de artigos publicados tratando da discussão acerca do discurso popular, do uso da literatura no ambiente escolar e da ilustração de livros. Ele também atua como professor convidado em cursos de especialização em Arte-Educação e Literatura (Azevedo, 2015; Biografia [...], 2014).

Desde então, sua produção literária abrange narrativas autorais, com prosas e poesias, e livros baseados em contos populares/folclóricos que transpassam diferentes gêneros da literatura oral, incluindo contos de encantamento, anedotas, quadras, adivinhas e lendas regionais, a partir de dados recolhidos pelo autor e por colaboradores ao redor do país (Azevedo, 2015; Silvestre, 2005). Ademais, o escritor também desenvolve romances fundamentados em pesquisas sobre o período colonial brasileiro, como *Fragosas Brenhas do Mataréu* (2014) e *Trago na Boca a Memória do meu Fim* (2019), que, embora tenham menor proximidade com o público infantil, também podem ser lidos por crianças (Garcia; Vilela, 2020).

A publicação sucessiva de obras literárias – inclusive com edições em outros países, como México, Portugal, Alemanha e Holanda – rendeu-lhe diversas premiações nacionais e internacionais. É possível citar as diversas vezes que o escritor ganhou o Prêmio Jabuti, nas seguintes categorias: literatura infantil, com *Alguma Coisa* (1989); literatura juvenil, com *Maria Gomes* (1991) e *Fragosas Brenhas do Mataréu* (2014); literatura infantil ou juvenil, com *A Outra Enciclopédia Canina* (1999) e *Dezenove Poemas Desengonçados* (1999); e teoria/crítica literária, com *Abençoado & Danado do Samba – Um Estudo Sobre o Discurso Popular* (2014) (Biografia [...], 2014). Aliado a isso, os textos de Azevedo apresentam boa receptividade pela crítica literária e, consequentemente, ele detém amplo reconhecimento no campo da literatura infantojuvenil.

Para a escrita desses trabalhos voltados ao público infantil e juvenil, o autor reforça que a linguagem empregada não necessita ser específica para essa faixa etária, mas sim acessível, com o intuito de permitir o debate de assuntos complexos de forma compreensível e capaz de gerar identificação por qualquer pessoa (Garcia; Vilela, 2020). Nesse sentido, ele também ressalta que muitas histórias comumente contadas para crianças fazem parte do imaginário popular e simbolizam a transmissão dos princípios de uma sociedade,

de modo que não são necessariamente criadas para esse público (Garcia; Vilela, 2020).

Por isso, Azevedo entende-se como um contador de histórias populares para indivíduos de todas as idades, classes sociais e níveis de escolaridade (Ferreira; Bulhões 2017; Garcia; Vilela, 2020). Dentre suas versões de contos populares, destacam-se: *No Meio da Noite Escura tem um Pé de Maravilha!* (2000), *Bazar do Folclore* (2001), *Histórias que o Povo Conta* (2002), *Contos de enganar a Morte* (2003), *Contos de Espanto e Alumbramento* (2005) e *O Moço que Carregou o Morto nas Costas e Outros Contos Populares* (2015) (Azevedo, 2015).

O escritor ressalta que esse estilo de produção literária subverte o discurso difundido pela classe dominante, que tende a valorizar apenas os conhecimentos considerados úteis e lógicos e negligenciar a diversidade popular transmitida por meio da oralidade (Azevedo, 2015; Baade, 2015; Garcia; Vilela, 2020). Desse modo, são as histórias da tradição popular que possibilitam a abordagem da subjetividade do indivíduo e, logo, de temas inerentes à condição humana, como ocorre na obra *Contos de enganar a Morte* (2014) (Ferreira; Bulhões, 2017).

O RISO E O RISÍVEL EM "O MOÇO QUE NÃO QUERIA MORRER"

O conto em análise retrata a história de um jovem viajante que busca, incessantemente, escapar da morte. A história inicia quando ele se depara com um vulto e começa a conversar com ele, até perceber que se tratava da Morte. Avesso à ideia da própria finitude, o moço reage de forma agressiva e ameaça, gritando: "Se veio pra me levar vai ter que ser na marra. Não pretendo morrer de jeito nenhum. Tenho uma vida inteira pela frente!" (Azevedo, 2014, p. 30).

Apesar disso, a Morte esclarece que ainda não era o seu momento de partir e desaparece logo depois, aos risos.

Considerando que o riso é um fenômeno cultural complexo, dele derivam teorias que questionam e buscam explicar os fatores que o desencadeiam, como a Teoria da Superioridade e da Incongruência (Rodrigues, 2020). Nesse sentido, diversos recursos humorísticos, como as figuras de linguagem, costumam ser empregados para provocar o riso no receptor (Pincelli; Américo, 2019). Independentemente do tipo de comédia, o riso depende da habilidade do escritor de criar e manejar efeitos humorísticos (Pincelli; Américo, 2019). Assim, é possível perceber que a maneira como a Morte formula sua resposta ao rapaz está associada ao eufemismo, uma das técnicas da ironia, pois a personagem tenta amenizar a situação, apresentando o falecimento como um evento muito distante, embora não possa ser evitado.

O fato de a Morte dizer ao rapaz que ainda não havia chegado a sua hora pode ser entendido como uma estratégia de ação, já que ela é figura personificada nesse conto, pois apresenta-se aos leitores como um substantivo próprio, processo identificável na forma como a grafia da palavra é apresentada, em letra maiúscula. Nesse sentido, a Morte estaria se preparando para rir por último, denotando um planejamento que pode induzir ao riso, conforme indicam Graciano e Santos:

Rimos, às vezes, por estratégia, arquitetada e calculada, às vezes de maneira quase inconsciente. É claro que, em um primeiro momento, evidencia-se o estranhamento. Tudo fala, tudo grita e toda seriedade tenta se fazer audível no campo de presença daquele que ri. Paradoxalmente, aquele que não acende sua lanterna de signos é, nesse caso, o único a ser visto na escuridão (Graciano; Santos, 2022, p. 390).

No entanto, o jovem não se conforma com a inevitabilidade da morte e, a partir daquele dia, inicia a busca por um local onde

ela não existisse. Nesse contexto, o sorriso surge como uma tentativa de lidar com a situação, quando o moço afirma: "Acho até que a Morte sentiu um pouco de medo de mim!" (Azevedo, 2014, p. 32). Esse cenário evoca a realocação social que o riso pode possibilitar frente a situações de sofrimento, conforme destacado por Rodrigues (2020) e Alberti (2002), de modo que a pessoa pode utilizar o humor para mudar a perspectiva sobre a própria existência e transformar uma experiência desagradável em algo risível, a fim de ressignificá-la e torná-la mais suportável. Nesse sentido, Driessen (2000) destaca a função social do riso enquanto elemento que é formado por símbolos e atitudes, os quais permitem um ambiente de relaxamento e fortalecem a coesão de um determinado grupo.

Ao descrever a procura do rapaz pelo tão sonhado lugar, o autor utiliza a repetição de palavras com o intuito de criar um efeito cômico, tornando o sentido das frases cada vez mais exagerado. Isso é evidente no seguinte trecho: "Mais adiante, encontrou um homem muito, muito velho, carregando um balde muito, muito velho, cheio de água" (Azevedo, 2014, p. 33). No caso, ele já havia conversado com vários homens ao longo de seu trajeto, todos progressivamente mais envelhecidos, que prometiam uma expectativa de vida cada vez maior para o moço, mas que nunca era suficiente.

Desse modo, o padrão de escrita revela que o conto é marcado pelo risível de palavras, conceito apresentado na obra de Alberti (2002), no qual o humor se expressa através da construção e manipulação do sentido das frases, como exemplificado no trecho: "Um vulto apareceu, só Deus sabe de onde" (Azevedo, 2018, p. 30). Essa categoria do risível, por ser menos óbvia, tende a ser considerada menos engraçada do que o risível de coisas, que se refere ao argumento e à ação do discurso, isto é, no conteúdo e na maneira como a história é contada. Para Graciano e Santos:

[...] o riso traz consigo efeitos de sentido; é uma função de existência; não produz sentido sozinho, sempre necessita de uma correlação com outros enunciados; realiza um ato

a ser atualizado, ele é por si só um acontecimento. **O riso atende às características de um enunciado** (Graciano; Santos, 2022, p. 391, grifo nosso).

A citação acima reforma a ideia de que o riso é um efeito do discurso e, no caso do texto literário em tela, um discurso que faz uso da palavra escrita para causar o efeito cômico, a partir do uso da hipérbole e da ironia, identificadas na expressão “só Deus sabe de onde”: percebe-se aí uma amplificação exagerada do mistério ou da imprevisibilidade da origem do vulto. A escolha de uma fórmula de natureza religiosa em um contexto trivial garante à frase um tom descontraído ou levemente desdenhoso, contribuindo para o humor da situação.

Após um longo percurso, o rapaz avista um castelo dourado e reluzente no topo de um despenhadeiro. Porém, ao alcançar a entrada do castelo, ele não encontra ninguém para recebê-lo e, decepcionado, decide perambular pela região. É então que, ao se aproximar de uma fonte, uma moça misteriosa e encantadora o chama pelo nome e revela que aquele seria o lugar perfeito: um refúgio que a Morte não é capaz de alcançar, permitindo-lhe, assim, a vida eterna, livre das amarras do tempo.

Portanto, o jovem mudou-se para o castelo com a bela jovem, onde dispunha de tudo o que precisava e vivia com conforto e fartura, sem qualquer esforço ou sofrimento. Sempre que pensava na Morte, vangloriava-se de sua suposta vitória, como ilustra sua fala: “Enganei a bandida! – dizia ele orgulhoso e cheio de felicidade” (Azevedo, 2014, p. 35). Percebe-se que o autor utiliza a sátira por meio da justaposição para comparar a futilidade do orgulho do protagonista com a soberania da morte, criando um efeito humorístico. Essa técnica expõe a arrogância do rapaz, um defeito moral que distorce sua percepção da realidade e o leva a acreditar que pôde fugir de um destino que, na verdade, é inescapável. Assim, entende-se que a sátira está ligada à Teoria da Superioridade, já que o humor provém de uma fraqueza ou erro alheio (Pincelli; Américo, 2019).

Por fim, chegou o dia em que ele sentiu saudades de sua antiga vida e desejou visitar sua casa para reencontrar a família. Apesar dos esforços para convencê-lo a não partir, a jovem percebeu que o moço não mudaria de ideia e, por isso, revelou que já havia se passado mais de quinhentos anos desde que começaram a morar juntos. No início, ele ficou incrédulo, pois não tinha notado o tempo passar. Mesmo assim, embora tenha acabado acreditando nela, sua vontade de rever o lugar onde nascera permaneceu, e ela aceitou a partida dele.

Entretanto, havia condições para que a viagem fosse segura. Ele deveria viajar montado em um cavalo branco mágico e veloz, que ficava no estábulo do castelo, e seguir os conselhos da moça: “Nunca desça do cavalo e, principalmente, nunca, de jeito nenhum, coma qualquer coisa enquanto estiver fora do castelo dourado” (Azevedo, 2014, p. 37). O rapaz concordou e se despediu, partindo em direção à cidade. No decorrer do caminho, ele descobriu que o mundo havia se transformado completamente desde que se mudara para o castelo: “Onde antes existia uma imensa montanha agora havia uma cidade. Onde antes havia uma floresta escura agora existia uma imensa planície. Onde antes existia um oceano, o chão agora estava rachado de tão seco” (Azevedo, 2014, p. 37).

Quando finalmente chegou à pacata vila onde nascera, não restava qualquer vestígio ou memória de sua antiga vida nem de sua família. Diante disso, o jovem preferiu retornar ao castelo, local em que sua vida era plena e livre do risco da morte. À medida que o entardecer se aproximava, a jornada se tornava cada vez mais árdua: “Foi andando e quanto mais andava mais sentia o corpo fraco. Era uma mistura de cansaço, espanto, saudade e fome” (Azevedo, 2014, p. 37).

Foi então que ele encontrou um homem na estrada, puxando uma carroça lotada de maçãs. A fome prevaleceu, e ele decidiu comer ao menos uma fruta. Sem desconfiar da boa vontade do homem, que não cobrou pela maçã, o jovem desceu do cavalo e a mordeu,

descumprindo os avisos da moça do castelo. Naquele instante, a verdade se revelou:

Foi quando uma mão fria e forte agarrou sua nuca.

– Agora você não me escapa!

O homem da carroça cheia de maçãs era ela, a Morte, o último suspiro, a treva sem fim, a vigília que nunca acaba, o derradeiro alento, o sono da noite sem horas (Azevedo, 2014, p. 39).

Consequentemente, não restou outra alternativa ao moço a não ser aceitar seu fim, e a Morte, inexorável, o alcançou. A partir do estudo de Pincelli e Américo (2019), é possível identificar que, nessa última parte do conto, o autor emprega dois tipos de ironia: a situacional, em que uma ação não cumpre as expectativas do personagem; e a cósmica, em que os anseios humanos são impedidos pela realidade. Logo, o efeito humorístico está voltado para o triunfo da Morte, ressaltando que ela é o destino comum a todos e, assim, “aquela que ri por último”, o que se contrapõe ao jovem rapaz, que, no mundo fantasioso dos contos, poderia ter conseguido escapar dela.

De acordo com Driessen, “o humor é divertido e sério ao mesmo tempo” (2000, p. 251), permitindo que se faça uma reflexão sobre as percepções culturais inerentes a um determinado grupo social em uma determinada época, já que as situações que evocam o riso mudam de acordo com o modo de pensar e sentir que a cultura expressa. Portanto, é possível afirmar que o texto de Azevedo não necessariamente suscita efeitos cômicos em quem fizer sua leitura; porém, é evidente que o autor se utilizou desses elementos para a sua construção.

Tal premissa permite que se aborde um tema complexo como a finitude de maneira mais lúdica, ao utilizar o riso e o risível como elemento para lidar com uma das interdições contemporâneas mais evidentes, que é justamente abordar a morte e o processo de morte e morrer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender o riso como fenômeno cultural, e não apenas como uma manifestação física resultante da percepção do risível, implica no reconhecimento de que ele é multifacetado e influenciado pelo discurso vigente na sociedade de uma determinada época (Medeiros, 2010). Desse modo, diferentes significados foram atribuídos ao riso no transcurso da história, bem como os objetos – aceitáveis – do riso variaram. É contraditória a ideia de que o riso tem como papel desafiar normas e a ordem social, uma vez que ele deve se submeter aos limites impostos pela sociedade (Alberti, 2002).

Embora o humor, em geral, nos ajude a dar sentido à existência e a aceitar o fato de que somos seres finitos, tratar a morte pela ótica do riso é algo incomum. Nesse sentido, ao analisarmos com base na Teoria da Violação, o humor presente no conto pode ser repudiado por parte do público, uma vez que a abordagem humorística do processo de morte e morrer pode causar estranheza ou desaprovação (Pincelli; Américo, 2019).

Mais uma vez, destaca-se a necessidade de validação do riso pela sociedade, o que ainda é um assunto controverso. A morte, por ser vista como uma vulnerabilidade humana, muitas vezes não é considerada adequada para o humor (Alberti, 2002). Além disso, contar piadas sobre a morte pode ser interpretado como uma conduta inapropriada, e há quem acredite que, apenas ao verbalizá-la, poderia, de alguma forma, atraí-la, dificultando o uso do cômico para abordar esse tema, assim como o entendimento de que o riso pode ser uma ferramenta para lidar com a finitude. Contudo, a irracionalidade do humor constitui a base da construção do conto, uma vez que é necessária para a personificação da morte e para o comportamento dos demais personagens diante dela.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **O riso e o risível na história do pensamento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

AZEVEDO, R. **Contos de enganar a Morte**. 1. ed. São Paulo: Anglo, 2018.

AZEVEDO, R. Entrevista. "A vida pode não ter sentido, mas não é proibido dar-lhe algum". [Entrevista concedida a] Felipe Kryminice e Monique Cellarius. **Jornal Cândido**, Curitiba, n. 3, 2011. Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Entrevista-Ricardo-Azevedo>. Acesso em: 30 out. 2024.

AZEVEDO, R. Entrevista. [Entrevista concedida a] Jornal do Centro de Referência de Literatura e Multimeios. **Mundo da Leitura**, Porto Alegre, ano XVIII, n. 26 e 27, p. 3-4, 2015. Disponível em: <https://issuu.com/mundodaleitura/docs/47>. Acesso em: 30 out. 2024.

AZEVEDO, R. **O início de carreira e as referências de infância**. (São Paulo): Digital Akio Filmes, 2017. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal A Casa Tombada. Disponível em: <https://youtu.be/GxnuXYFYwvI?feature=shared>. Acesso em: 30 out. 2024.

AZEVEDO, R. **São Paulo**: Arte 1 ComTexto, 2021. 1 vídeo (26 min). Publicado pelo canal SP Leituras. Disponível em: https://youtu.be/UzNsgka_FsY?si=gsM_TNYVvhMxyKe_. Acesso em: 30 out. 2024.

BAADE, J. H. Entrevista com Ricardo Azevedo. **Professare**, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 15-22, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.33362/professare.v4i1.650>. Acesso em: 30 out. 2024.

BIOGRAFIA de Ricardo Azevedo. **Ricardo Azevedo**, 2014. Disponível em: <https://ricardoazevedo.com.br/wp/wp/ricardo-azevedo/>. Acesso em: 30 out. 2024.

DASTUR, F. **A Morte**: ensaio sobre a finitude. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

DRIESSEN, H. Humor, riso e o campo: reflexões da antropologia. In: BREMMER, J.; ROODEBURG, H. (org.). **Uma história cultural do humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

FERREIRA, E. A. G. R.; BULHÕES, R. M. As raízes populares na produção literária infantil e seus impactos no leitor: análise da obra "Contos de enganar a Morte", de Ricardo Azevedo. **Elos: Revista de Literatura Infantil e Juvenil**, [s. l.], n. 4, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.15304/elos.4.3699>. Acesso em: 30 out. 2024.

GARCIA, A. L. M.; VILELA, M. N. T. Entre contos e recontos nos recantos da arte literária: Entrevista com Ricardo Azevedo. **Literartes**, [s. l.], v. 1, n. 13, p. 14-30, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9826.literartes.2020.178550>. Acesso em: 30 out. 2024.

GRACIANO, D. P.; SANTOS, C. Os dentes da multidão: uma arqueologia do riso. **Caderno de Letras: Revista do Centro de Letras e Comunicação**, [s. l.], n. 43, p. 389-401, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/cadernodeletras/article/download/21844/14689/>. Acesso em: 27 nov. 2024.

MEDEIROS, M. M. A instrução pelo riso em Santo Agostinho. **Acta Scientiarum. Education**, [s. l.], v. 32, n. 2, p. 185-191, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v32i2.10429>. Acesso em: 31 jul. 2024.

PINCELLI, R.; AMÉRICO, M. Apontamentos teóricos sobre o humor e seus recursos. **Fórum Linguístico**, [s. l.], v. 16, n. 4, p. 4217-4228, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2019v16n4p4217>. Acesso em: 31 jul. 2024.

RODRIGUES, A. S. Narrativa, sofrimento e riso: algumas reflexões suscitadas por uma experiência etnográfica. **Ilha Revista de Antropologia**, [s. l.], v. 22, n. 1, p. 128-153, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8034.2020v22n1p128>. Acesso em: 31 jul. 2024.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Educ, 2000.

POSFÁCIO

Márcia Maria de Medeiros

Ao final deste percurso, torna-se possível perceber que as narrativas analisadas ao longo deste livro não apenas representam a morte, mas revelam, em sua dimensão simbólica, os modos pelos quais a cultura ocidental construiu estratégias para negar o limite e sustentar a ilusão de controle sobre a vida.

Existe um eixo central que acompanha os ensaios que compõem este conjunto de textos. Esse eixo se pauta no sentido construído pela modernidade em termos de ontologia e que poderia ser denominado de “pedagogia da negação”, isto porque o projeto civilizatório criado pela separação entre sociedade e natureza passou a negar a morte enquanto parte de um ciclo; passou a negar limites e vulnerabilidades que são intrínsecas à própria condição do ser e, com isso, passou a negar a possibilidade de que a Terra possa ser finita. Tal processo esvazia de sentido a própria existência, uma vez que abre margem para a pergunta: qual o limite depois do limite? Até onde é possível suportar um avanço incontido sobre tudo aquilo que tem vida?

Nesse sentido, torna-se mais do que necessário um gesto de resistência, que está associado ao movimento feito por este conjunto de ensaios, o qual prima por uma educação para a finitude, que se articula a partir de três movimentos: o reconhecimento do limite existencial e das vulnerabilidades como forma de romper com o imaginário colonial de infinitude; a reintegração da morte ao cotidiano como forma de (re)encantar a existência, justamente pela percepção da importância da vida; e o reconhecimento de que a sustentabilidade começa pelo reconhecimento das vulnerabilidades.

Portanto, é possível dizer que a crise ecológica que atravessa o Antropoceno nasce de uma cultura que acreditou no crescimento

infinito e se pensou capaz de superar a Natureza, em um processo de negação radical da vulnerabilidade. A Tanatopedagogia, diante desse contexto, coloca-se como uma espécie de antídoto simbólico dessa lógica e busca mostrar que, se a sociedade construir um projeto civilizatório que reconheça e aceite a morte, irá aprender a aceitar seus limites. E, sem esse reconhecimento, não há sustentabilidade possível.

Logo, educar para a finitude é uma condição *sine qua non* para educar para a sustentabilidade, pois a negação da morte é uma das bases simbólicas da insustentabilidade contemporânea. O que se propõe a mostrar é radicalmente oposto a esse contexto. Um pensamento sustentável precisa ter como cerne a compreensão de que a Terra é finita, assim como os corpos, as espécies e os ciclos. O projeto colonial que moldou a forma de ver o mundo e ser no mundo, que permeia as relações sociais no Ocidente, rompe com essa lógica, e a recusa cultural da morte que ele constrói prepara o terreno para a recusa civilizatória do limite ecológico, o que pode gerar um erro catastrófico.

É nesse interstício que este livro se propôs a germinar. Não apenas como um estudo literário, não apenas como uma investigação tanatológica, mas como gesto formativo e como intervenção cultural. Faz-se, aqui, um convite à reeducação do imaginário, à construção de um novo devir em que se reconhecem pontos centrais: a morte não diminui a vida, e o entendimento das limitações não empobrece o mundo. Pelo contrário: esse reconhecimento devolve profundidade ao existir.

E o entendimento dessa ideia indica que talvez só se possa habitar a Terra com responsabilidade se, e quando, os limites que tangenciam a existência de tudo que nela existe (incluindo o ser humano) forem reconhecidos. Isso significa admitir que não existem donos da terra. E, se não existe posse da Terra, não existe posse da própria vida.

SOBRE A ORGANIZADORA

Márcia Maria de Medeiros

Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina. Professora dos cursos de graduação em Enfermagem e Turismo da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Professora permanente do Programa de Mestrado e Doutorado em Recursos Naturais (PGRN/UEMS). Coordenadora do Laboratório de Estudos Tanatopedagógicos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (LETAN/UEMS).

SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS

Fábio Vogado

Bacharel em Ciências Ambientais. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (PGRN/UEMS).

Giovana Ziegler Confessor

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Pesquisadora do LETAN/UEMS.

Gustavo Bocon Lopes

Enfermeiro. Atua no Hospital Mackenzie de Dourados, Mato Grosso do Sul. Pesquisador do LETAN/UEMS.

Letícia Rocha Nunes

Licenciada em Química. Doutoranda pela Programa de Mestrado e Doutorado em Recursos Naturais da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (PGRN/UEMS).

Luisa da Rosa Silveira

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Pesquisadora do LETAN/UEMS.

Luiz Alberto Ruiz da Silva

Mestre em Ensino em Saúde pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Matheus de Souza Julião

Enfermeiro. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGCS/UFGD).



Nicole Rodrigues de Magalhães

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Pesquisadora do LETAN/UEMS.

Wesllen Pereira da Silva

Historiador. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (PGRN/UEMS).

ÍNDICE REMISSIVO

A

antropologia 15, 76, 91
aprendizagem 25, 26
aprendizagem ativa 26
atitude estética 22
autoconhecimento 24, 35

C

colonialidade do poder 13
comunicação 28, 33, 52, 62, 63, 75
condição humana 21, 22, 53, 62, 84
consciência 29, 67, 79
conto 34, 36, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 53, 60, 61, 62, 65,
68, 73, 74, 75, 76, 79, 80, 84, 85, 86, 89, 90
contos populares 82, 83, 84
cuidado 18, 20, 25, 76
cultura erudita 35, 37
cultura oficial 35
cultura popular 34, 35, 36, 37, 50, 82
currículo escolar 16

D

Declaração Universal dos Direitos Humanos 25, 26, 30
decolonial 11
desenvolvimento humano 30
dor total 25

E

educação 15, 17, 22, 25, 26, 27, 28, 30, 35, 67, 93
educação básica 28
educação continuada 26
educação para a morte 15, 22, 25, 28
ensino 14, 26, 31, 76, 77, 81
ensino da tanatologia 76

ensino fundamental 31, 81
epistemologia 11
escola permanente 26
escrita 25, 33, 36, 52, 53, 57, 75, 79, 81, 82, 83, 86, 87
espaço público 12
ética 15
existência humana 20, 27, 29, 62, 67, 75
experiência humana 20

F

fantástico 40
felicidade 17, 26, 46, 87
filosofia 15, 62
finitude 11, 12, 13, 16, 18, 20, 21, 22, 24, 26, 29, 32, 39, 42, 43, 47, 48,
49, 53, 55, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68,
73, 74, 75, 76, 79, 80, 84, 89, 90, 91, 93, 94
finitude da existência 11
finitude humana 13, 55, 57, 65, 66
folclore 13, 36
formação do sujeito 27

I

imaginário 13, 83, 93, 94
imaginário construído 13
infância 15, 20, 25, 63, 80, 91

J

jogo de palavras 18

L

leitura 26, 35, 50, 65, 75, 80, 81, 82, 89, 92
linguagem escrita 33
linguagem literária 22, 23
literatura 14, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 35, 36, 48, 50,
57, 67, 75, 76, 80, 81, 82, 83

literatura de cordel 36
literatura infantil 31, 57, 81, 82, 83
livros 34, 80, 82, 83
luto 12, 17, 18, 22, 29, 30, 31, 49, 65, 73, 76, 77

M

mathesis 19
medicalização 12
memória 17, 88
metáfora 34, 41, 45, 48, 49, 55
metáfora ontológica 34, 45, 55
metáforas 32, 33, 34, 43, 47, 48, 62
metáforas de orientação 33
mimesis 19, 21
mito 37, 38, 39
modernidade 12, 13, 93
modernidade ocidental 12
morte e morrer 12, 13, 15, 16, 18, 20, 22, 24, 27, 28, 61, 65, 66, 67, 74, 76, 89, 90
morte feliz 26

N

Natureza 12, 94
negação da morte 13, 16, 94

O

ontologia 12, 93
oralidade 15, 36, 82, 84

P

pedagogia 15, 25, 93
perdas 16, 18, 20, 22, 25, 29, 30, 31, 33, 49, 67, 77
performance 36
personificação 42, 43, 44, 47, 56, 62, 90
pesquisa 11, 26, 53, 56, 65, 75, 79, 82
processo de morte e morrer 12, 13, 15, 16, 18, 20, 22, 24, 27, 28, 61, 65, 66, 67, 74, 76, 90

processo educativo 16, 18, 20, 22, 25, 28, 67
psicologia 15, 17

Q

qualidade de vida 22
querela dos universais 42, 49

R

realidade humana 28
reflexão crítica 29, 48
resiliência 22, 24

S

saberes 13, 19, 21
saúde mental 15, 17
semiosis 19, 23
silenciamento 12, 13, 16, 28
sociedade 12, 13, 16, 17, 22, 28, 35, 52, 83, 90, 93, 94
sociedade ocidental 16, 28
sofrimento 12, 20, 23, 24, 28, 49, 53, 67, 86, 87, 92
solidariedade 24
superidosos 12

T

tanatologia 14, 15, 17, 18, 28, 49, 65, 66, 75, 76, 77
tanatopedagogia 15, 18, 28
tecnificação 12
tecnificismo 28
texto literário 19, 20, 22, 27, 28, 33, 42, 53, 56, 60, 61, 62, 66, 67, 75, 76, 82, 87
tradições folclóricas 34

U

universo imaginativo 33

V

valores intelectuais 22
vida coletiva 13
vulnerabilidade humana 61, 90

www.pimentacultural.com

A EDUCAÇÃO PARA A FINITUDE NA OBRA DE Ricardo Azevedo

um estudo de Contos de Enganar a Morte e o
problema do limite na cultura contemporânea